

# O HÓSPEDE DE DRÁCULA

BRAM STOKER



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**O Hóspede de Drácula**  
**Bram Stoker**

# Índice

[O Hóspede de Drácula](#)

[A Casa do Juiz](#)

[A Pele-Vermelha](#)

# O Hóspede de Drácula

Quando partimos para o nosso passeio, o Sol brilhava radiosamente em Munique e a atmosfera estava cheia da euforia do princípio do Verão. Naquele momento, Herr Delbriick (o maitre d'hotel do Quatre Saisons, onde eu me alojava), desceu, em cabelo, até à carruagem, e, depois de me desejar uma digressão agradável, recomendou ao cocheiro, ainda com a mão pousada no puxador da porta do veículo:

- Não se esqueça de regressar antes do anoitecer. O céu está límpido, mas há uma aragem fria do norte que pode prenunciar borrasca súbita. Tenho, porém, a certeza de que não se atrasará. - Neste ponto, sorriu e acrescentou: - Sabe perfeitamente que noite é esta.

Johann replicou com um enfático "Ja, mein Herr", e, levando dois dedos à pala do boné, pôs rapidamente a carruagem em movimento. Depois de deixarmos a cidade para trás, fiz-lhe sinal para que parasse e perguntei:

- Diga-me uma coisa, Johann, que noite é esta?

- Walpurgisnacht - redarguiu laconicamente, ao mesmo tempo em que se benzia.

Em seguida, puxou do relógio de bolso, um objeto enorme, um modelo antiquado de prata alemão do tamanho de um nabo, e consultou-o, de sobranceiras franzidas e com um pequeno encolher de ombros de impaciência. Compreendi que se tratava da sua maneira de protestar respeitosamente contra a demora desnecessária e reclinei-me no banco, limitando-me a fazer-lhe sinal para que reatasse a marcha. O veículo pôs-se em movimento rapidamente, como para recuperar o tempo perdido. De vez em quando, os cavalos pareciam erguer as cabeças para resfolegar com desconfiança. Nessas ocasiões, eu olhava em volta com frequência, alarmado. A estrada era assaz erma, pois cruzávamos uma espécie de planalto elevado batido pelo vento. Enquanto prosseguíamos,

observei um caminho que parecia pouco utilizado e dava a impressão de mergulhar num pequeno e sinuoso vale. Apresentava um aspecto tão convidativo que, embora correndo o risco de o melindrar, indiquei a Johann que parasse. E, quando obedeceu, anunciei que gostaria de seguir por aquele caminho. Apresentou uma variedade de pretextos para me dissuadir e benzia-se com insistência enquanto falava. O fato estimulou-me a curiosidade, pelo que lhe fiz várias perguntas, às quais respondeu com relutância e de forma evasiva, ao mesmo tempo em que olhava repentinamente o relógio, em protesto. Por fim, declarei:

- Quero ir por aí. Não lhe pedirei que me acompanhe, a menos que lhe interesse fazê-lo, mas explique-me, por favor, a que se deve essa sua atitude.

Sem pronunciar uma palavra, pareceu lançar se do seu lugar para o chão, tal a prontidão com que o abandonou. Em seguida, estendeu-me as mãos num gesto de súplica, para que não concretizasse o desejo manifestado. Havia o inglês suficiente no seu discurso em alemão para eu compreender o sentido geral das palavras. Parecia constantemente na iminência de me revelar algo - idéia que obviamente o aterrorizava -, mas continha-se no último instante, articulando, enquanto se benzia:

- Walpurgis Nacht!

Tentei argumentar com ele, mas torna-se difícil sustentar uma controvérsia com alguém cujo idioma não dominamos. A vantagem inclinava-se sem dúvida a seu favor, pois embora começasse a exprimir-se em inglês - de uma natureza muito rudimentar e vacilante -, acabava por se excitar e enveredar pela sua língua nativa e não parava de consultar o relógio. De repente, os cavalos deixaram transparecer nervosismo e puseram-se a resfolegar. Ato contínuo, Johann empalideceu intensamente e, olhando em volta, aterrado, precipitou-se para frente, segurou nas bridas e conduziu os animais para diante, cerca de sete metros. Segui-o e perguntei o motivo de semelhante maneira de proceder. Como resposta, benzeu-se mais uma vez, apontou para o local que acabávamos de abandonar e levou a carruagem para a estrada, ao mesmo tempo em que indicava uma cruz e dizia, primeiro em alemão e depois em inglês:

- Sepultaram-no... àquele que se matou.

Recordei-me do velho costume de sepultar os suicidas nas encruzilhadas e exclamei:

- Ah, compreendo; um suicida! Muito interessante! Mas confesso que não entendia a razão pela qual os cavalos se mostravam excitados.

Enquanto conversávamos, ouvimos uma espécie de som intermédio entre um grito e um latido. Apesar de distante, os cavalos ainda ficaram mais excitados, e Johann necessitou de desenvolver esforços notáveis para os acalmar. Por último, quase lívido, proferiu:

- Parecia um lobo. . . mas não há lobos nestas paragens.

- Não? - estranhei. - Há muito que não se aproximavam tanto da cidade?

- Muito, muito, na Primavera e Verão. Mas, com a neve, andaram por aí não há muito tempo.

Enquanto ele afagava os cavalos e tentava serená-los, nuvens negras cruzavam rapidamente o céu. O Sol desapareceu e envolveu-nos um vento frio. Tratava-se, porém, mais de uma aragem fugaz que de outra coisa, uma espécie de advertência, pois os raios solares não tardaram a reaparecer. Johann ergueu a mão à altura dos olhos para os proteger do clarão e, contemplando o horizonte, disse:

- A tempestade de neve chega com grande antecedência.

Em seguida, tornou a olhar o relógio e, sem perda de um segundo, pegou nas rédeas com firmeza pois os animais ainda escavavam o chão com as patas e sacudiam as cabeças - e subiu para o seu lugar, como se tivesse chegado o momento de sair dali.

Entretanto, sentia-me um pouco obstinado e não entrei imediatamente na carruagem.

- Fale-me do lugar aonde o caminho conduz.

Apontei para o desvio que tanto parecia impressioná-lo.

Tornou a benzer-se e murmurou uma prece antes de explicar:

- É terrível.

- O quê? - persisti.

- A aldeia.

- Nesse caso, há uma aldeia?

- Não, não! Não vive lá ninguém há centenas de anos.
- A minha curiosidade recebeu um estímulo suplementar.
- Mas você disse que havia uma aldeia.
- Sim, havia.
- Que lhe aconteceu?

Neste ponto do diálogo, irrompeu uma longa história em alemão e inglês, tão confusa que não consegui compreender inteiramente o que dizia, mas deparei que, há muito tempo, há centenas de anos, tinham morrido pessoas e sido enterradas nas suas sepulturas, ouvindo-se depois sons na terra e, uma vez abertas, os homens e mulheres inumados encontravam-se rosados de vida, com as bocas vermelhas de sangue. E, empenhados em salvar as suas próprias vidas (sim, e as almas, e nesta passagem ele benzeu-se mais uma vez), os sobreviventes partiram apressadamente para outros lugares, onde os vivos viviam e os mortos permaneciam mortos e não... não qualquer outra coisa. Johann mostrava-se claramente receoso de pronunciar as últimas palavras. À medida que a narrativa prosseguia, denunciava excitação crescente. Dir-se-ia que a imaginação se apoderara dele, e terminou num verdadeiro paroxismo de medo - pálido e a transpirar em bica, tremulo e com olhares em volta constantes, como se esperasse que uma presença horrível se manifestasse numa área banhada pelo sol radioso. Finalmente, numa agonia de desespero, bradou:

- Walpurgis Nacht! - E apontou para a carruagem, a fim de que eu entrasse.

Em face disso, todo o meu sangue britânico entrou em efervescência e, recuando um passo, acusei:

- Está com medo, Johann... está com medo. Volte para trás: Eu regressarei sozinho. O passeio a pé far-me-á bem - a porta da carruagem encontrava-se aberta. Peguei na bengala de carvalho que deixara em cima do banco e me acompanhava sempre nas excursões de férias, fechei a porta, apontei para Munique e repeti:

- Volte para trás, Johann. A Walpurgis Nacht não tem nada a ver com os ingleses.

Os cavalos achavam-se agora mais excitados que nunca e o cocheiro tentava serená-los, ao mesmo tempo em que me implorava



com veemência que não cometesse a imprudência que acabava de anunciar. A perturbação do pobre homem impressionava-me, pois parecia sincera, mas não pude evitar uma gargalhada. O seu inglês desaparecera por completo. O desnorte levara-o a esquecer que o seu único meio de se fazer entender consistia em se exprimir no seu idioma, pelo que continuou a balbuciar o seu alemão nativo. A situação começou a tornar-se fastidiosa. Depois de reiterar "Volte para trás!", com um gesto elucidativo, virei-lhe as costas, para enveredar pelo caminho de acesso ao vale.

Com um movimento de desespero, Johann apontou a carruagem a Munique. Apoiei-me à bengala e acompanhei-o com a vista. O veículo rolou lentamente durante uns minutos. De repente, surgiu do topo da colina um homem alto e magro. A distância a que se encontrava não me permitia fixar outros pormenores. Quando se aproximou dos cavalos, estes começaram a erguer-se nas patas posteriores e a sacudir as anteriores, como que para repelir um perigo invisível. Johann não conseguia dominá-los, e arrastaram a carruagem velozmente, até que desapareceu ao longe.

Tentei, então, examinar melhor o desconhecido, mas descobri que também se eclipsara.

Despreocupado, principiei a percorrer o caminho que conduzia ao vale e que tanto aterrorizara o cocheiro. Eu não descortinava o mínimo motivo justificativo da reação, e prossegui em frente durante cerca de duas horas, indiferente ao tempo e à distância, sempre sem me cruzar com viva alma ou avistar qualquer casa. A área podia considerar-se virtualmente solitária. No entanto, não me apercebi particularmente disso até que, ao emergir de uma curva, se me depararam algumas árvores dispersas e reconheci, então, que ficara inconscientemente impressionado com a desolação da região que atravessava.

Sentei-me para descansar e comecei a olhar em volta: Notei que fazia consideravelmente mais frio que no início do passeio, dava a impressão de me rodear uma espécie de suspiro constante, com, de vez em quando, em cima, num ponto elevado, algo como um rugido abafado. Ergui os olhos e notei que as nuvens densas deslizavam rapidamente no céu, de norte para sul. Havia sinais de

borrasca iminente em camadas mais altas da atmosfera. Invadiu-me um certo frio e, atribuindo-o à imobilidade após uma longa caminhada, recomecei a andar

A área pela qual agora passava era muito pitoresca. Embora não houvesse objetos especiais que chamassem a atenção, imperava um certo encanto de beleza. Continuava a não me preocupar com as horas e só quando me apercebi da intensificação do crepúsculo principiei a encarar o problema da orientação para regressar à procedência. A claridade do dia extinguiu-se. A temperatura descera e o teto de nuvens era mais baixo. O seu movimento fazia-se acompanhar de uma espécie de arrastar distante, através do qual dir-se-ia brotar, a intervalos, o grito misterioso que o cocheiro atribuía a um lobo. Hesitei por uns momentos. Mas como dissera que visitaria a aldeia abandonada, continuei em frente, até que desemboquei numa ampla extensão de terreno aberto, ladeado por colinas. Os lados estavam cobertos de árvores, que se prolongavam em direção à planície, polvilhando, em pequenos grupos, as encostas e depressões suaves que se vislumbravam aqui e ali. Acompanhei com a vista o serpentear do caminho e verifiquei que descrevia uma curva perto de um dos mais densos desses grupos a que se perdia para além dele.

De súbito, o ar pareceu atravessado por uma corrente gelada e a neve começou a tombar. Pensei nos quilômetros sucessivos de paisagem desoladora que percorrera e apressei-me em direção à proteção das árvores à minha frente. O céu tornava-se cada vez mais negro, enquanto a neve caía copiosamente, até que o solo adiante e à minha volta se converteu num tapete branco e reluzente, cuja orla mais afastada se perdia na imprecisão da neblina. O caminho tornara-se mais primitivo, quando plano, com os limites menos marcados, até que cheguei à tenebrosa conclusão de que me desviara dele, porquanto os pés tinham deixado de pisar a superfície dura e passavam a afundar-se na relva e no musgo. Em seguida, a intensidade do vento aumentou e soprou forte, a ponto de eu experimentar dificuldades em avançar contra ele. A temperatura tornou-se ainda mais cortante e, apesar do exercício que efetuava, principiei a sofrer. A neve caía agora tão densamente, por meio de

turbilhões, que quase não conseguia manter os olhos abertos. De vez em quando, o céu era rasgado por clarões intensos de raios de sol que me permitiam vislumbrar em frente uma densa massa de árvores, em particular teixos e ciprestes, com as copas carregadas de neve.

Não tardei a encontrar-me sob a sua proteção e, em comparativo silêncio, ouvia os silvos do vento sobre á minha cabeça, a grande altura. Por fim, a escuridão da tormenta mesclou-se com as trevas da noite. A fúria dos elementos foi-se atenuando gradualmente, até ficar reduzida a rajadas de vento ou trovões remotos ocasionais. Naqueles momentos, o som sinistro do lobo parecia ecoado por muitos outros similares à minha volta.

De quando em quando, por entre a massa negra de nuvens em movimento, surgia uma faixa dispersa de luar que iluminava a paisagem e me revelava que estava na periferia de um grupo espesso de ciprestes e teixos. Como parara de nevar, abandonei o refúgio e comecei a investigar as imediações mais atentamente. Afigurava-se-me que, no meio de tantas velhas construções pelas quais passara, poderia encontrar se ainda de pé uma casa que, embora em ruínas, me proporcionaria abrigo por algum tempo: Ao contornar a orla do arvoredado, descobri que o circundava um muro baixo, ao longo do qual segui até encontrar uma solução de continuidade. Aí, os ciprestes formavam uma passagem que se estendia até um edifício. Todavia, no momento em que me apercebi disso, as nuvens em movimento obscureceram a Lua, pelo que enveredei pelo caminho às escuras. O vento devia ter arrefecido, pois me descobri a tremer, mas existia a esperança de uma proteção e prossegui persistentemente.

Detive-me, porque se registrou um silêncio repentino. A tormenta afastara-se por completo e, porventura em sincronia com a quietude da natureza, o meu coração pareceu parar de palpitar. No entanto, isso ocorreu apenas momentaneamente, porquanto o luar irrompeu de súbito das nuvens e revelou-me que alcançara um cemitério e o objeto retangular na minha frente era um maciço túmulo de mármore, tão branco como a neve que pousava nele e à sua volta. Com o luar, registrou-se um suspiro agudo da tormenta, a qual

pareceu reatar a atividade com um uivo prolongado, como o produzido por muitos cães ou lobos. Fiquei assombrado e chocado e senti o frio aumentar, até que deu a impressão de se me apoderar do coração. De súbito, enquanto o luar aifida incidia na placa de mármore, a fúria dos elementos deu ulteriores sinais de renovação, como se retrocedesse sobre os seus próprios passos. Impelido por uma espécie indeterminada de fascinação, acerquei-me do sepulcro para ver o que era e determinar a razão pela qual uma coisa daquelas se erguia, solitária, em semelhante lugar Contornei-o e li, por cima da porta dórica:

## "CONDESSA DOLLINGER DE GRATZ EM ESTÍRIA PROCURADA E ENCONTRADA MORTA 1801"

No topo do túmulo, aparentemente cravado no mármore maciço - pois a estrutura compunha-se de alguns enormes blocos de pedra -, havia uma grande cavilha ou estaca de ferro. Continuando a contorná-lo, avistei, em largos caracteres russos:

### OS MORTOS DESLOCAM-SE DEPRESSA.

Existia algo de tão tétrico e incrível em tudo aquilo que me obrigou a estremecer e a recear a perda dos sentidos. Comecei a arrepende-me, pela primeira vez, de não ter seguido o conselho de Johann. Por associação de idéias, ao pensar no cocheiro, evoquei um pormenor que surgiu em circunstâncias quase misteriosas e através de um choque terrível. Era a noite de Santa Valpurga!

A noite de Santa Valpurga, em que, segundo a crença de milhões de pessoas, o diabo anda à solta, em que as sepulturas se abrem e os mortos se erguem e caminham. Em que todas as coisas hediondas da terra, do ar e da água se divertem à sua sinistra maneira. O cocheiro manifestara um pavor mortal daquele lugar. Era aquela aldeia abandonada por toda a população, séculos atrás. Era aí que jazia o suicida e onde me encontrava, só, desarmado, tremulo de frio numa mortalha de neve e com uma tormenta cuja fúria parecia empenhada em se reatar a todo o momento. Necessitei de toda a

minha filosofia, toda a religião que me haviam ensinado e toda a coragem para não ceder a um paroxismo de medo.

De repente, um autêntico tornado explodiu à minha volta. A terra tremeu como se a percorressem milhares de cavalos a galope, e desta vez os elementos transportavam nas suas asas geladas, não neve, mas violentas saraivadas que pareciam disparadas por exímios fundibulários - pedras que arrancavam folhas e ramos e tornavam o abrigo dos ciprestes obsoleto. A princípio, precipitara-me para a árvore mais próxima, mas não tardei a ser obrigado a abandoná-la e a procurar o único lugar susceptível de oferecer proteção - a arcada dórica do túmulo de mármore. Aí, agachado junto da maciça porta de bronze, obtive alguma defesa contra o bombardeamento de saraiva, pois agora as pedras só me atingiam depois de ricochetearem no chão e do lado do mármore.

Quando me encostei à porta, moveu-se levemente e abriu-se para dentro. Até o abrigo de um túmulo era bem-vindo naquela tormenta implacável, e preparava-me para avançar, quando um relâmpago intenso iluminou todo o céu. Naquele instante, tão certo quanto eu estar vivo, avistei, pois tinha os olhos voltados para dentro, uma mulher atraente, linda, de rosto arredondado e lábios vermelhos, aparentemente adormecida numa essa. No momento em que o trovão retumbou sobre a minha cabeça, fui agarrado como que pela mão de um gigante e lançado para fora. Passou-se tudo tão rapidamente que, antes de me poder aperceber do choque, tanto moral como físico, senti a saraiva fustigar me de novo. Ao mesmo tempo, acudiu-me a estranha e crescente sensação de que não estava só. Volvi o olhar para o túmulo. Nessa altura registrou-se novo relâmpago ofuscante que deu a impressão de atingir a estaca de ferro cravada no mármore e prosseguir em direção ao solo, como se atravessasse mero papel. A mulher morta ergueu-se num momento de agonia, enquanto as chamas a envolviam e o intenso grito de horror era abafado pelo trovão. A última coisa que ouvi foi àquela mistura de som terrível, ao mesmo tempo em que voltava a ser agarrado por uma mão gigantesca e arrastado, enquanto a saraiva me flagelava e o ar em volta parecia reverberar com os uivos dos lobos. A última cena de que me recordo é de uma massa branca e

vaga em movimento, como se todas as sepulturas à minha volta tivessem libertado os fantasmas dos seus amortalhados mortos e estes avançassem para mim através da espessa cortina de saraiva.

Surgiu gradualmente uma espécie de vago início de reanimação, seguido de uma sensação de cansaço verdadeiramente horrível. Durante longos momentos, não me recordei de nada, até que os sentidos reataram gradualmente as suas funções. Os pés dir-se-iam esmagados pela dor, e não podia movê-los. Davam a impressão de entorpecidos. Havia um desconforto glacial na nuca e ao longo da coluna vertebral, ao passo que as orelhas, à semelhança dos pés, permaneciam mortas e, não obstante, imersas em tormento, mas tinha no peito uma sensação de conforto que era, em comparação, deliciosa. Tudo se passava como num pesadelo - um pesadelo físico, se me é permitida a expressão, pois um peso opressivo no peito tornava-me a respiração difícil.

Esse período de semiletargia perdurou por largo tempo e creio que, à medida que se dissipava, adormeci ou perdi os sentidos. A seguir, verificou-se uma espécie de aversão, como a fase inicial do enjôo do mar, e um desejo frenético de ficar livre de algo, mas não lograva determinar de quê. Envolveu-me um vasto silêncio, como se todo o mundo tivesse adormecido ou morrido, apenas alterado por um leve arquejar, como de um animal perto de mim. Notei a sensação áspera na garganta e em seguida a consciência da horrível verdade, que me enregelou até ao coração e expeliu o sangue em golfadas através do cérebro. Um animal enorme e determinado pousava em cima de mim e lambia-me a garganta. Receei efetuar o mínimo movimento, obrigado a permanecer estático por um instinto de prudência; porém, a fera pareceu aperceber-se de que se registrara uma alteração em mim, pois levantou a cabeça. Por entre as pálpebras, descortinei em cima de mim os dois olhos enormes e flamejantes de um gigantesco lobo. Os dentes brancos e aguçados refulgiam na boca vermelha aberta, e senti o bafo quente e acre embater-me no corpo.

Durante um período subsequente, não me recordei de mais nada. A seguir, tive a consciência de um grunhido rouco, que antecedeu um grito, renovado várias vezes. De repente,

aparentemente muito longe, distingui um "Olá, Olá!", proferido em uníssono por numerosas vozes. Ergui a cabeça cautelosamente e olhei na direção de onde os sons provinham; todavia, o cemitério bloqueava-me a visibilidade. O lobo continuava a uivar de um modo estranho e o clarão vermelho começou a mover-se em torno do grupo de ciprestes, como se acompanhasse o som. À medida que as vozes se aproximavam, o lobo uivava com intensidade crescente. Entretanto, eu receava produzir o mínimo sinal de vida. O clarão vermelho acercava-se cada vez mais, por cima da mortalha branca que se estendia à minha volta, na escuridão: De súbito, surgiu de trás das árvores uma força de cavaleiros munidos de archotes. O lobo levantou-se do meu peito e correu para o cemitério. Vi um dos cavaleiros (soldados, a avaliar pelos bonés e longos capotes militares) erguer a espingarda e fazer pontaria. Um companheiro desviou-lhe o braço e ouvi a bala silvar sobre a minha cabeça. Era evidente que confundira o meu corpo com o do lobo. Outro visou o animal que se afastava e seguiu-se um estampido. Por fim, os soldados avançaram a galope - uns na minha direção e outros no encalço do lobo, que desaparecera entre os ciprestes carregados de neve.

Enquanto se aproximavam, tentei mover-me, mas achava-me impotente, conquanto pudesse ouvir e ver tudo o que se passava à minha volta. Dois ou três soldados saltaram das montadas e ajoelharam junto de mim. Um ergueu-me a cabeça e pousou a mão no meu coração.

- Boas notícias, camaradas! - exclamou. - O coração ainda bate !

Em seguida, senti aguardente pela garganta - revigorou-me e consegui abrir os olhos por completo e observar o que me rodeava. Luzes e sombras moviam-se por entre as árvores e ouvi homens chamarem-se uns aos outros. Reuniram-se soltando gritos de pavor, e as luzes intensificaram-se, enquanto alguns emergiam do cemitério, agitados, como possessos. Quando os da frente se acercaram de nós, os que tinham ficado comigo perguntaram com ansiedade:

- Então, encontraram-no?

A resposta não se fez esperar:

- Não! Não! Vamo-nos daqui, depressa... depressa! Não é lugar para ficar muito tempo, e logo nesta noite !

- Que era? - constituía a pergunta geral, formulada em toda a gama de inflexões.

A resposta registrou-se em tons variados, todos indefinidos, como se os homens fossem impelidos a falar por um impulso comum e, ao mesmo tempo, restringidos por um não menos comum medo de dar forma aos seus pensamentos.

- Sim... era!... - balbuciou um, cuja presença de espírito ficara abalada por uns momentos.

- Um lobo... e ao mesmo tempo não era um lobo!aventurou outro, em voz tremula.

- Não adianta persegui-lo sem a bala sagrada - observou um terceiro, em voz mais normal.

- L bem feita, por virmos esta noite! Podemos limpar as mãos à parede! - Eram as recriminações de um quarto.

- Havia sangue no mármore partido - disse outro, após uma pausa: - O raio nunca produziu aquilo ali. E quanto a ele... está salvo? Reparem na garganta! Vejam, camaradas, o lobo deitou-se-lhe em cima e manteve o sangue quente.

O oficial examinou-me a garganta e declarou:

- Encontra-se bem. A pele não foi perfurada. Que significará tudo isto? Nunca o encontraríamos, se o lobo não uivasse.

- Que foi feito dele? - perguntou o homem que me amparava à cabeça e parecia o menos aterrorizado do grupo, pois tinha as mãos firmes e o corpo não lhe tremia. Na manga do uniforme, tinha os galões de segundo tenente. .

15- Recolheu a casa - respondeu um indivíduo de rosto pálido, que estremecia de medo, enquanto olhava em volta receosamente. - Há aqui muitas sepulturas onde se pode deitar Vamos, camaradas, depressa! Abandonemos este local amaldiçoado.

O oficial ajudou-me a sentar e proferiu uma ordem, após o que vários homens me transferiram para cima do cavalo. Ele instalou-se na sela atrás de mim, rodeou-me a cintura com o braço, mandou avançar e, deixando os ciprestes para trás, afastamo-nos rapidamente, em formação militar.



A minha língua continuava a negar se a cumprir as suas funções, pelo que permanecia silencioso. Suponho que adormeci, pois aquilo de que me recordo a seguir é levantar me, amparado por um soldado de cada lado. Era quase dia claro e; a norte, via-se refletida uma faixa de raios solares, como um rasto de sangue, sobre a paisagem nevada. O oficial recomendava aos seus homens que não divulgassem uma única sílaba do que tinham visto, à parte o fato de haverem encontrado um desconhecido inglês, guardado por um cão enorme.

- Cão! Aquilo não era nenhum cão! - protestou o homem que deixava transparecer um medo profundo.

- Ainda sei reconhecer um lobo.

- Já disse que era um cão - volveu o oficial, calmamente.

- Qual cão! - volveu o outro, com uma inflexão de ironia. Era evidente que a sua coragem renascia com o sol e, apontando para mim, acrescentou: - Repare na garganta dele. Isto é obra de um cão?

Levei a mão ao local mencionado; num gesto instintivo, e emiti uma exclamação de dor. Os outros acudiram para ver o que era, alguns inclinados das selas, e tornou a ouvir-se a voz calma do jovem oficial:

- Um cão, como eu disse. Se afirmássemos outra coisa, riam-se de nós.

Colocaram-me, então, na sela com um soldado, seguimos até aos subúrbios de Munique, onde encontramos uma carruagem, para a qual me transferiram, e fui conduzido ao Quatre Saisons, acompanhado pelo segundo tenente, enquanto um soldado nos seguia com a sua montada e os restantes regressavam ao aquartelamento.

Quando chegamos, Herr Delbrizck desceu a escada tão apressadamente ao meu encontro, que era óbvio que assistira à nossa aproximação. Pegando-me em ambas as mãos, levou-me solícitamente para dentro. O oficial saudou-me, e voltava-se para sair quando me apercebi da sua intenção e insisti em que subisse aos meus aposentos. Diante de um copo de vinho regional, agradeceu-me calorosamente e aos subordinados por me terem salvo.

Limitou-se a replicar que cumprira simplesmente o seu dever, e Herr Delbriick tomara as providências necessárias para manifestar gratidão aos seus homens. Ante as ambíguas palavras, o maitre d'hotel sorriu, enquanto o segundo-tenente invocava assuntos de serviço urgentes e se retirava.

- Mas como se explica que os soldados se lembrassem de me procurar, Herr Delbrizck? - perguntei.

Encolheu os ombros, como que em depreciação do ato que cometera, e replicou:

- Tive a boa sorte de obter autorização do comandante do regimento em que prestei serviço para procurar voluntários.

- Como soube, porém, que me perdi?

- O cocheiro apareceu com o que restava da carruagem, parcialmente destruída quando os cavalos se espantaram e fugiram.

- Não acredito que enviasse uma equipa de busca só por esse motivo.

- Decerto que não! No entanto, antes de ele aparecer, recebi este telegrama do boiardo de quem é convidado.

- E extraiu da algibeira um retângulo de papel que me entregou.

Era do seguinte teor:

Bistrize,

Tenha cautela com o meu convidado - a sua segurança é- me extremamente valiosa. Se lhe suceder alguma coisa ou desaparecer, não se poupe a esforços para o encontrar e garantir o seu bem-estar. É inglês e, por conseguinte, intrépido. Surgem, por vezes, perigos na neve: os lobos e a noite. Não perca um momento em atuar se suspeitar de que lhe ocorreu algo de desagradável. Asseguro o seu zelo com a minha fortuna.

DRÁCULA

Conservei o telegrama na mão, enquanto o quarto parecia oscilar à minha volta, e se o solícito maitre d'hotel não me

segurasse, creio que teria caído. Havia algo de tão estranho no meio de tudo aquilo, de tão sinistro e impossível de conceber, que me gerava uma sensação de ser, de um modo impreciso, joguete de forças opostas, cuja mera e vaga idéia bastava para me paralisar. Achava-me na verdade sob alguma forma de proteção misteriosa. De um país distante, chegara no instante oportuno uma mensagem que me arrancara do perigo do sono na neve e das goelas do lobo.

## A Casa do Juiz

Ao aproximar se a época dos exames, Malcom Malcolmson decidiu ir para um lugar qualquer onde se pudesse concentrar nos estudos sem ser interrompido. Ele temia as atrações das praias, mas também o isolamento rural, uma vez que conhecia há muito os seus encantos, de modo que decidiu procurar uma cidade pequena e despreziosa onde nada houvesse que o pudesse distrair. Decidiu igualmente não pedir sugestões aos seus amigos, pois sem dúvida todos eles indicariam lugares que conheciam, e onde seguramente também já teriam amigos. Ora, se Malcolmson desejava evitar os seus próprios amigos, não faria qualquer sentido contatar os amigos dos seus amigos, e portanto resolveu procurar sozinho um lugar. Pôs numa mala algumas roupas e todos os livros de que necessitava, e comprou um bilhete para a primeira localidade desconhecida que viu no horário dos comboios.

Após três horas de viagem chegou a Benchurch, sentindo-se satisfeito por ter conseguido baralhar as pistas, e poder assim dispor da tranqüilidade necessária para prosseguir os seus estudos. Dirigiu-se de imediato á única estalagem da pequena e adormecida localidade, na qual alugou um quarto para passar a noite. Benchurch, invadida durante uma semana de cada mês pela enorme multidão que freqüentava o seu mercado, era, nos restantes vinte e um dias, uma cidade tão atrativa como um deserto. No dia seguinte à sua chegada, Malcomson começou a procurar uma casa ainda mais isolada e tranqüila do que a Estalagem do Bom Viajante. Apenas lhe agradou uma, que indubitavelmente satisfazia as suas mais exageradas expectativas em relação à tranqüilidade de que desejava desfrutar. Aliás, tranqüilidade nem sequer era a palavra adequada, pois para dar uma idéia do isolamento daquela casa seria necessário utilizar o termo desolação. Tratava-se de uma casa velha, pesada e antiquada, de estilo jacobino, com empenas e janelas maciças, pequenas e colocadas mais alto do que é habitual neste gênero de casas, e rodeada por um sólido e alto muro de tijolos. Na realidade,

parecia mais uma fortaleza do que uma vulgar vivenda. Mas não obstante, todas essas características agradaram a Malcomson. "Aqui está - pensou - o lugar que procurava; e se conseguir alugar esta casa, não há dúvida de que serei um homem feliz." Quando se deu conta de que a casa só podia estar desabitada, a sua alegria aumentou ainda mais.

Obteve nos correios o nome do agente imobiliário, que ficou extremamente surpreendido ao saber da existência de uma pessoa desejando alugar parte da velha casa. Mr Carnford, o advogado e agente local, um amável e idoso cavalheiro, mostrou-se abertamente encantado pelo fato de haver alguém com vontade de ir viver nela.

- Para lhe dizer a verdade - disse ele - até ficaria feliz, pelos donos, se alguém vivesse nela durante uns anos, nem que fosse de graça, para que as pessoas se habituassem a vê-la habitada. Esteve tanto tempo vazia que se criou uma espécie de preconceito absurdo a seu respeito, um preconceito que só poderá desaparecer se a casa for ocupada. . . , nem que seja - acrescentou, lançando um olhar astuto na direção de Malcomson apenas por um estudante como você, que deseja estar tranqüilo durante algum tempo.

Malcomson achou que não valia a pena inteirar-se de mais pormenores sobre o "preconceito absurdo,", já que se quisesse podia obter mais informações sobre esse tema noutros lugares. Pagou três meses de renda, recebeu o recibo de volta, e saiu dali com as chaves no bolso e com a indicação do nome de uma senhora de idade que possivelmente aceitaria ocupar se dele. Dirigiu-se então à estalagem, com a intenção de pedir conselhos à sua proprietária, a Sra. Witham, uma senhora alegre e simpática, sobre o gênero e a quantidade de víveres que necessitaria. Quando lhe disse onde se preparava para ir morar, ela levantou os braços num gesto de espanto.

- Não na Casa do Juiz! - exclamou, empalidecendo. Ele explicou a localização da casa, dizendo que ignorava o seu nome. Quando terminou, a mulher respondeu:

- Sim, não há dúvida. . . não há qualquer dúvida! É mesmo a Casa do Juiz.

Malcomson pediu-lhe então que lhe falasse da casa, que lhe explicasse a razão por que a chamavam assim, e o que é que havia contra ela. A mulher disse-lhe que a conheciam localmente por esse nome devido ao fato de ter sido, muitos anos antes - há quantos ao certo não o poderia dizer, uma vez que ela era de uma outra parte da região, mas teriam sido cem ou mais - a residência de um certo juiz que inspirava um enorme terror em virtude do rigor das suas sentenças e da hostilidade que manifestava no seu tribunal em relação aos acusados. Porém, quanto à casa em si mesma, nada poderia dizer. Ela própria tentara muitas vezes saber o que se tinha passado, no entanto ninguém a soubera informar. Mas o que não havia dúvida era que existia o sentimento geral de que ali havia algo e, quanto a ela, nem por todo o dinheiro do Banco de Drinkswater aceitaria ficar sozinha naquela casa uma só hora que fosse. E, depois desta afirmação, pediu desculpa a Malcomson por estar a dizer coisas que o poderiam perturbar.

- Não gosto nada deste gênero de coisas, e sobretudo do fato de o senhor, que é um jovem cavalheiro, desculpe-me dizê-lo, ir viver ali absolutamente sozinho. . . Se fosse meu filho, e permita-me que o diga, não dormiria ali nem sequer uma noite, nem que eu própria tivesse de ir lá tocar o grande sino de alarme que existe no telhado!

A boa mulher falava manifestamente com tanta boa fé e as suas intenções eram tão simpáticas que Malcomson, apesar de divertido, ficou sensibilizado. Expressou-lhe o quanto apreciava o interesse que ela lhe manifestava, e acrescentou:

- Mas, cara senhora Witham, realmente não precisa de se preocupar comigo! Um homem que está a estudar matemáticas superiores tem coisas de mais em que pensar para poder ser incomodado por um desses misteriosos algoz, e o seu trabalho é tão exato e prosaico que não sobeja na sua cabeça espaço, seja para que tipo de mistérios for! A progressão harmônica, as permutações, as combinações e as funções elípticas são mistérios suficientes para mim!

A Sra. Witham encarregou-se amavelmente de tratar das suas compras, enquanto ele foi procurar a mulher idosa que lhe fora recomendada. E quando, passadas umas horas, regressou com esta

última à Casa do Juiz, encontrou-a à sua espera, acompanhada por vários homens e rapazes, que, além de diversos pacotes, tinham transportado uma cama numa carroça, porquanto, como ela disse, embora as cadeiras e as mesas estivessem bem conservadas, uma cama que não fora arejada há pelo menos cinqüenta anos não era adequada para o descanso de ossos tão jovens. Era tão evidente a sua curiosidade em ver o interior da casa que, apesar de tanto temer os algos, não deixou de a percorrer de uma ponta à outra, embora ao menor ruído se agarrasse imediatamente a Malcomson, do qual não se separou nem sequer por um segundo.

Após examinar a casa, Malcomson decidiu ocupar a grande sala de jantar, que era suficientemente grande para satisfazer todas as suas necessidades; e a Sra. Witham, com a ajuda da velha Sra. Dempster, começou a arrumar as coisas. Os pacotes foram levados para dentro da casa e abertos, e Malcomson observou que a Sra. Witham tinha tido a amabilidade de enviar da sua própria cozinha provisões suficientes para vários dias. Antes de partir, ela exprimiu toda uma série de bons desejos, e, ao chegar à porta, virou-se e disse:

- E se calhar, senhor, dado que a sala é grande e cheia de correntes de ar, o melhor seria instalar um desses grandes biombos à volta da cama durante a noite. . . Mas, a verdade seja dita, eu cá morreria se tivesse que ficar aqui fechada, com todos esses. . . com todas essas coisas, a mostrarem as suas cabeças pelos lados e por cima do biombo, com os olhos fixos em mim!

A imagem que tinha acabado de evocar foi excessiva para os seus nervos, o que a fez sair precipitadamente.

A Sra. Dempster, dando-se ares de superioridade, deu uma fungadela quando a outra mulher desapareceu, afirmando que, quanto a ela, não tinha medo nem de todos os duendes do reino.

- Deixe-me dizer-lhe o que se passa, senhor - acrescentou. - Os duendes são toda a espécie de coisas... menos duendes! Ratazanas, ratos e escaravelhos, eis o que eles são; e também portas que rangem, telhas soltas e vidraças partidas, bem como gavetas empenadas; que ficam de fora depois de serem abertas e que caem sozinhas no meio da noite. Olhe para os lambris de

madeira da sala! São velhos, velhos como sei lá o quê... têm mais de cem anos! E então acha possível que aqui não haja ratos, e ratazanas, e escaravelhos! E imagina, senhor, que não verá nenhum? Os ratos são os duendes, digo-lhe eu, e os duendes são os ratos. Acredite no que lhe digo!

- Sra. Dempster - disse Malcomson gravemente, com uma polida inclinação da cabeça - a senhora sabe mais do que um catedrático de matemáticas! E deixe-me dizer lhe que, em sinal de estima pela sua indubitável saúde mental, permitirei que tome posse desta casa, e que resida aqui durante os últimos dois meses do meu aluguer, pois quatro semanas serão suficientes para o que tenciono fazer...

- Agradeço-lhe muitíssimo a sua amabilidade, senhor! - respondeu ela. - Mas não posso dormir uma só noite fora da casa onde moro. É a Casa de Caridade Greenhow, e bastaria não dormir uma noite no meu dormitório para perder todos os meus direitos de lá estar.

As regras são muito estritas, e há tanta gente à espera de uma vaga que não posso correr nenhum risco. Se não

fosse por isso, senhor, viria dormir aqui com muito gosto durante a sua estada, para o servir.

- Minha boa senhora - disse Malcomson com vivacidade - vim até aqui com o propósito de conseguir solidão; e acredite-me que estou muito grato ao falecido senhor Greenhow por ter organizado a sua casa de caridade, ou o que quer que ela seja, de uma forma tão admirável que me nega a oportunidade de ter uma tal tentação! Nem o próprio Santo António seria mais rígido nesse ponto!

A velha soltou uma risada seca.

- Ah! - disse - Vocês, os jovens senhores, não sentem medo de nada. . . E ode estar certo de uma coisa: encontrará aqui toda a solidão que deseja.

Pôs-se então a limpar a sala e, ao anoitecer, quando Malcomson regressou do seu passeio (levava sempre um livro para estudar enquanto passeava), encontrou a sala varrida e asseada, um



fogo ardendo na velha chaminé e a mesa posta para o jantar com as excelentes provisões da Sra. Witham.

- Isto sim, é comodidade! - exclamou ele, esfregando as mãos.

Depois de ter acabado de jantar e de ter colocado a bandeja no outro extremo da grande mesa de carvalho, voltou a pegar nos seus livros, colocou uma nova acha no fogo, acendeu a lâmpada de petróleo e mergulhou no seu duro trabalho, interrompendo-o apenas por volta das onze da noite a fim de espevitar o fogo e a luz da lâmpada, e para fazer um chá. Malcomson fora sempre um grande apreciador de chá e, nos seus anos de universidade, durante os quais se habituara a estudar à noite até muito tarde, consumia-o em grandes quantidades: O descanso era para ele um luxo enorme, um luxo que desfrutava com uma sensação de delicioso e voluptuoso bem-estar. O fogo reavivado cresceu, lançou algumas fagulhas e projetou estranhas sombras através da grande e velha mansão. Malcomson, enquanto ia sorvendo o chá quente, sentia dentro de si o prazer de estar isolado dos seus semelhantes. E foi nesse momento que pela primeira vez reparou no ruído que as ratazanas faziam.

Não fizeram tanto barulho durante todo o tempo que estive a estudar, de certeza - pensou - caso contrário, tê-lo-ia decerto notado! O ruído aumentava, mas ele tranquilizou-se pensando que certamente se iniciara há pouco tempo. Era evidente que as ratazanas tinham começado por ficar assustadas com a presença de um estranho e com a luz do fogo e da lâmpada, mas, conforme o tempo foi passando, tinham-se tornado pouco a pouco mais atrevidas, regressando depois às suas ocupações habituais.

E como elas eram ativas, e como produziam estranhos ruídos! Subiam e desciam por detrás dos velhos lambris de madeira que revestiam as paredes e o teto, corriam por debaixo do soalho, roíam, arranhavam! Malcomson sorriu interiormente ao recordar as palavras da Sra. Dempsey: "Os duendes são os ratos e os ratos são os duendes." Os efeitos estimulantes do chá começavam a agir nos seus nervos e no seu intelecto e, tomando consciência com satisfação de que ainda teria algum tempo para estudar antes do

final da noite, sentiu uma tal sensação de comodidade que decidiu permitir-se o luxo de dar uma boa olhadela à sala. Pegando na lâmpada com uma das mãos, percorreu a sala de uma ponta à outra, perguntando a si mesmo por que razão uma casa tão original e bela ficara tanto tempo abandonada. Os lambris de carvalho tinham sido trabalhados com requinte, e o mesmo se passava com as janelas e com as portas. Nas paredes viam-se alguns quadros, mas cobertos por uma tão espessa camada de pó e de sujeira que era impossível distinguir neles qualquer pormenor, mesmo levantando a lâmpada acima da cabeça o mais alto possível, como Malcomson fez. Aqui e ali, enquanto dava a volta à sala, reparou nalgumas gretas e em buracos bloqueados durante um momento por uma ratazana com os olhos a brilhar refletindo a luz, mas que não tardava a desaparecer, envolta num chiado e num rumor de fuga. A coisa que mais intrigou Malcomson, contudo, foi a corda do grande sino de rebate do telhado, que pendia num canto da sala, à direita da lareira. Arrastou para perto desta uma grande cadeira de carvalho, de espaldar alto, e sentou-se nela para tomar uma última chávena de chá. Feito isso, avivou o fogo e regressou ao seu trabalho, sentado na extremidade da mesa, com o fogo à sua esquerda. As ratazanas ainda o perturbaram durante algum tempo com as suas constantes correrias, mas Malcomson foi-se habituando ao barulho, como uma pessoa se habitua ao tic-tac de um relógio ou ao ruído de uma torrente, e acabou por mergulhar de tal forma no seu trabalho que tudo no mundo, excetuando o problema que tentava solucionar, deixou de existir para ele.

Subitamente levantou a cabeça, ainda sem ter resolvido o problema, sentindo no ar àquela hora tão peculiar que precede o amanhecer, e que tão temível se revela para aqueles que têm vidas duvidosas. O barulho das ratazanas cessara. Parecia-lhe que isso se passara há apenas alguns instantes, e que o que o desconcentrara fora precisamente esse repentino silêncio. O fogo morrera pouco a pouco, mas ainda estava envolto numa aura de um vermelho incandescente. Ao olhar nessa direção, e apesar de todo o seu sangue frio, Malcomson sobressaltou-se.

Ali, sobre o assento da grande cadeira de carvalho de espaldar alto, à direita da lareira, encontrava-se uma enorme ratazana, olhando-o fixamente com um olhar maligno. Malcomson fez um gesto para a afugentar, porém o animal não se moveu. E o mesmo se passou quando, a seguir, ele fez menção de lhe atirar qualquer coisa; só que dessa vez a ratazana exprimiu a sua raiva mostrando os seus grandes dentes brancos, enquanto que os seus olhos cruéis, brilhando à luz da lâmpada, emitiam um lampejo de vingança.

A atitude da ratazana surpreendeu Malcomson, que correu na direção da lareira para agarrar o atiçador com a intenção de a matar. Porém, antes de conseguir acertar-lhe, a ratazana saltou para o chão, chiando de uma forma que parecia concentrar todo o seu ódio, e, subindo pela corda do sino de rebate, desapareceu na zona de obscuridade aonde não chegava a luz da lâmpada, cujo alcance era limitado por um quebra-luz verde. E o mais estranho fora que o barulho das ratazanas por detrás dos lambris de madeira recomeçara nesse exato instante.

Desta vez, Malcomson não conseguiu concentrar-se de novo no problema. E, ouvindo um galo anunciar a aproximação da manhã, decidiu ir deitar-se para dormir.

Dormiu profundamente, tão profundamente que nem sequer notou a chegada da Sra. Dempster para lhe arranjar o quarto. E só acordou quando a velha senhora já tinha feito a limpeza e preparado o pequeno-almoço, e após ela ter dado umas pancadas no biombo por detrás do qual estava a cama onde dormia. Embora estivesse ainda um pouco cansado devido ao árduo labor noturno, uma chávena de chá forte depressa o recompôs. E, pegando num livro, saiu para o seu passeio matinal levando consigo alguns sanduíches, dado que não lhe apetecia voltar a casa antes do jantar. Encontrou um carreiro calmo entre os olmeiros, afastado da cidade, e ali passou grande parte do dia estudando o seu Laplace. Antes de regressar a casa, decidiu visitar a Sra. Witham, para lhe agradecer todas as suas amabilidades. E quando, através de uma janela com vidros de várias cores do seu santuário, ela o viu chegar, foi recebê-

lo no exterior e convidou-o a entrar, olhando-o com um ar inquisitivo. Por fim abanou a cabeça e disse:

- Não devia trabalhar tanto, caro senhor! Está mais pálido hoje que de costume. Estar acordado até altas horas é esforço de mais para o cérebro, não faz bem a ninguém! Mas diga-me, senhor, como passou a noite? Espero que bem. Confesso-lhe, contudo, que fiquei contente quando a Sra. Dempster me disse esta manhã que o encontrou bem e a dormir profundamente!

- Sim, realmente foi ótimo - respondeu ele, sorrindo.

- Os algoz, não me incomodaram mesmo nada; apenas as ratazanas, que, deixe-me que lhe diga, montaram ali um autêntico circo! Especialmente uma, com um ar verdadeiramente diabólico, que a certa altura se instalou no assento da minha própria cadeira, junto da lareira, e que só fugiu depois de eu a ameaçar com o atizador! Subiu então pela corda do sino de rebate, desaparecendo algures na parte de cima da parede, ou no teto, não pude ver bem por estar muito escuro.

- Deus nos acuda! - exclamou a Sra. Witham. - Um velho diabo, e numa cadeira junto ao fogo! Tenha cuidado, senhor, tenha muito cuidado! Há muitas coisas verdadeiras que se dizem por graça!

- O que é que quer dizer com isso? Palavra que não a compreendo.

- Um velho diabo! O velho diabo, se calhar. Oh, senhor, não se devia rir! - exclamou, pois Malcomson não conseguira conter se e soltara uma franca gargalhada.

- Vocês, os jovens, pensam que é fácil rir de coisas que fazem estremecer os mais velhos. Mas pouco importa, senhor, não faça caso! Queira Deus que possa continuar a rir o tempo todo, é isso o que eu lhe desejo!

E a boa mulher voltou a irradiar uma simpatia alegre, esquecendo por momentos os seus temores.

- Oh, desculpe-me! - disse então Malcomson. - Não me julgue descortês, mas a idéia de que o próprio diabo esteve em pessoa na cadeira, ontem à noite, fez-me rir!

E só o fato de a lembrar fez com que desse uma nova gargalhada. Regressou então à Casa do Juiz a fim de jantar.

Nessa noite, o barulho das ratazanas começou mais cedo; ter-se-ia seguramente iniciado antes do seu regresso, e apenas deixou de se ouvir durante uns instantes, enquanto durou o susto pela sua chegada imprevista. Depois de jantar, Malcomson sentou-se um momento perto do fogo para fumar um cigarro e, após limpar a mesa, reiniciou o seu trabalho. As ratazanas, no entanto, distraíam-no mais do que na noite anterior. Ah. como corriam para cima e para baixo, e debaixo do soalho, e nas alturas do teto! Como guinchavam, e arranhavam e roíam! E como, cada vez mais atrevidas, começaram a aparecer nas saídas das suas tocas, e em todas as gretas e fendas dos lambris das paredes, com os olhos brilhando como pequenas lâmpadas à luz do fogo declinante! Mas para ele, sem dúvida por já se ter acostumado, esses olhos não eram malévolos, apenas via neles algo de travesso e brincalhão. As ratazanas mais corajosas faziam de vez em quando incursões pelo chão, ou seguindo os relevos dos lambris. E por diversas vezes, quando elas o começavam a incomodar demasiado, Malcomson teve que fazer ruídos, batendo na mesa com a mão ou emitindo um forte Sssch, sssch, de modo a assustá-las e a fazê-las fugir para os seus esconderijos.

Assim se passou a primeira parte da noite; e, apesar de todo aquele barulho, Malcomson mergulhou cada vez mais no seu trabalho.

Repentinamente levantou a cabeça, como na noite anterior, dominado por uma súbita sensação de silêncio. Não se ouvia o mais ligeiro som de roer, de arranhar ou de chiar. Dir-se-ia o silêncio de uma tumba. Lembrando-se do estranho acontecimento da véspera, olhou instintivamente para a cadeira colocada perto do fogo, e uma sensação bizarra percorreu-lhe o corpo de alto a baixo.

Ali, ao lado da lareira, instalada no assento da grande e antiga cadeira de carvalho trabalhado e de espaldar alto, encontrava-se a enorme ratazana, olhando para ele fixamente com uns olhos repletos de maldade.

Então, instintivamente, Malcomson pegou no primeiro objeto que estava ao alcance da sua mão, umas tábuas de logaritmos, e lançou-o na direção da ratazana, sem grande pontaria porém, de

modo que o animal nem sequer se mexeu. Teve, pois, que repetir a cena do atizador da noite anterior, mas com o mesmo resultado: ao ver se perseguida, a ratazana escapuliu-se de novo, subindo pela corda do sino de rebate. Também muito estranho foi o fato de o barulho feito por toda a comunidade ter recomeçado imediatamente após a fuga daquela ratazana em particular. E de novo Malcomson foi incapaz de ver onde desaparecera o animal, não só porque o quebra-luz da sua lâmpada mergulhava a parte de cima da sala na escuridão, mas também porque o fogo já pouco iluminava.

Olhando o seu relógio viu que era quase meia-noite; no fundo, o divertimento não lhe desagradava. . . Avivou o fogo e preparou a sua chávena de chá da noite. Tinha trabalhado bastante, e pensou que tinha direito a um cigarro; sentou-se, pois, na grande cadeira de carvalho perto do fogo, começando a fumar com deleite. Pôs-se então a pensar que gostaria de saber onde se meteria a ratazana, já que começavam a tomar forma no seu espírito algumas idéias quanto a uma possível ratoeira, idéias essas que poderia pôr em prática no dia seguinte. Decidiu, por conseguinte, acender outra lâmpada, e colocá-la de modo a iluminar bem o canto formado pela lareira e pela parede à sua direita. Reuniu em seguida todos os livros que tinha consigo, pondo-os bem ao alcance da mão, de modo a poder atirá-los contra o animal assim que se apresentasse uma oportunidade. Por fim, levantou a corda do sino de rebate e colocou o seu extremo inferior sobre a mesa, prendendo-o com a lâmpada. Ao mexer na corda não pôde deixar de notar a que ponto ela era maleável, sobretudo levando em conta que se tratava de uma corda bastante grossa, e que ainda por cima não era usada há muito. "Seria possível enforcar um homem com uma corda destas", pensou para os seus botões. Terminados os preparativos, olhou em seu redor e, satisfeito, disse:

- Creio, cara amiga, que desta vez aprenderemos algo sobre si!

Recomeçou então a estudar, e ainda que no início, como lhe acontecera anteriormente, o barulho produzido pelas ratazanas o incomodasse, não tardou a perder-se completamente nas suas proposições e problemas. Mas, subitamente, algo atraiu de novo a

sua atenção. Desta vez não se tratava apenas do repentino silêncio; a corda também se movimentara, ainda que ligeiramente, e a lâmpada movera-se. Sem mexer um só músculo, Malcomson certificou-se primeiro de que a pilha de livros estava ao alcance da sua mão, deixando em seguida o olhar deslizar ao longo da corda, até que a certa altura viu a grande ratazana dar um salto desta para o assento da cadeira de carvalho, imobilizando-se aí a olhar para ele. O estudante pegou então num livro com a mão direita, levantou-o fazendo pontaria cuidadosamente, e atirou-o com toda a força na direção do animal. Este, porém, num rápido movimento, saltou para o lado e esquivou-se do projétil. Malcomson pegou num segundo livro, e num terceiro, e atirou-os um atrás do outro contra a ratazana, mas sempre sem sucesso. Por fim, no momento em que se preparava para atirar o sexto ou sétimo livro, a ratazana chiou e pareceu assustar-se, o que fez com que Malcomson sentisse ainda maior vontade de lhe acertar: o livro voou e foi embater nela com um golpe sonoro. O animal lançou um chiado aterrorizador e, lançando na direção do seu perseguidor um olhar repleto de maldade, subiu pela cadeira acima, dando depois um enorme salto a fim de atingir a corda do sino de rebate, pela qual desapareceu à velocidade de um raio. A lâmpada que prendia o extremo da corda balanceou um pouco por causa do esticão repentino provocado pelo salto, mas como era pesada não chegou a cair. Malcomson não desviou o olhar da ratazana e, graças à luz da segunda lâmpada, pôde vê-la saltar para um relevo do lambril de madeira e desaparecer num buraco existente num dos grandes quadros pendurados na parede, cuja pintura se encontrava totalmente invisível sob uma espessa camada de pó e de sujeira.

- Amanhã lançarei uma olhadela à vivenda da minha amiga - disse o estudante em voz alta, enquanto apanhava os livros espalhados pelo chão.

- O terceiro quadro a partir da lareira: não o esquecerei. - À medida que ia apanhando os livros um a um, e que lia os seus títulos, fazia um comentário sobre eles. - As "Secções cônicas não lhe acertaram, nem as Oscilações cicloidais, nem os Principia, nem os Quartenios, nem a Termodinâmica. . . Ah! Eis o livro que lhe acertou! - Ac pegar

nele", e vendo o seu título, Malcomson sobressaltou-se, enquanto uma súbita palidez lhe invadia o rosto. Olhou em redor, inquieto e estremeando ligeiramente, ao mesmo tempo em que murmurava para si mesmo: "A Bíblia que a minha mãe me deu! Que estranha coincidência!"

Voltou a sentar-se e pôs-se de novo a trabalhar, enquanto as ratazanas recomeçaram as suas cabriolas. Mas o barulho já não o incomodava e, de alguma maneira, a sua presença até lhe proporcionava uma certa sensação de companhia. Não conseguiu no entanto concentrar-se, e, depois de tentar sem resultado assimilar o tema que tinha entre mãos, abandonou-o com desespero e foi-se deitar, exatamente quando os primeiros raios da madrugada entravam pela janela virada leste.

Dormiu pesadamente mas sempre inquieto, sonhando muito. E quando a Sra. Dempster o acordou, já manhã ia alta, o seu aspecto era o de uma pessoa que tinha repousado muito pouco. Durante alguns minutos não pareceu dar-se conta do lugar onde se encontrava. E o seu primeiro pedido surpreendeu consideravelmente a criada.

- Sra. Dempster, depois de eu sair gostaria que pegasse na escada e que limpasse bem todos aqueles quadros... especialmente aquele ali, o terceiro a contar da lareira. Quero ver o que é que eles representam.

A tarde já se aproximava do seu fim quando Malcomson parou de estudar, à sombra das árvores. Notara, conforme ela ia decorrendo, que assimilava cada vez mais facilmente as matérias, e que, pouco a pouco, regressara ao otimismo que sentia no dia anterior. Tinha conseguido resolver satisfatoriamente todos os problemas cuja solução lhe escapara até aí, e estava de tal for ma eufórico que decidiu ir visitar a Sra. Witham n Estalagem do Bom Viajante. Encontrou-a na sua confortável sala de estar, na companhia de um desconhecido que lhe foi apresentado como sendo o Dr Thornhill. Era visível que a boa mulher não se sentia completamente à-vontade, e isso, aliado ao fato de o homem ter começado imediatamente a colocar lhe uma série de perguntas, fez



Malcomson concluir que a sua presença não se devia ao acaso. Disse, pois, sem rodeios:

- Dr Thornhill, responder-lhe-ei com o máximo prazer a todas as perguntas que me quiser fazer, mas antes terá de me responder a uma pergunta minha.

O médico pareceu ficar surpreendido. Sorriu, porém, e respondeu imediatamente:

- Sem dúvida! De que é que se trata?

- Por acaso não lhe terá a Sra. Witham pedido para vir até aqui para me ver e me aconselhar?

O Dr Thornhill pareceu ficar desconcertado por um momento, enquanto a Sra. Witham enrubescia e virava o rosto para o lado. Mas o médico era um homem franco e inteligente, e portanto não tardou a reencontrar a sua presença de espírito, respondendo abertamente:

- Assim foi, de fato, mas ela não queria que você o soubesse. Suponho que foi a minha desastrada pressa que o fez desconfiar. Ela confessou-me que não lhe agrada nada o fato de o senhor estar a viver sozinho naquela casa, e além disso acha que toma demasiado chá, e forte de mais. A verdade é que gostava que eu o aconselhasse a não beber tanto chá, e a não ficar acordado até tão tarde. Eu também fui um bom estudante no meu tempo, e por isso espero que não se ofenda se eu tomar a liberdade de lhe dar um conselho, posto que lhe falo não como um estranho, mas sim como um colega universitário.

Malcomson estendeu-lhe a mão, acompanhando o gesto com um sorriso rasgado.

- Tome lá cinco, como eles dizem na América! - exclamou. - Agradeço-lhe muitíssimo a sua gentileza, assim como à Sra. Witham, e a vossa amabilidade obriga-me a pagar vos na mesma moeda. Prometo pois deixar de tomar chá demasiado forte, e mesmo chá fraco, até que mo autorize, e esta noite irei para a cama no máximo à uma da manhã. Acha bem assim?

- Acho perfeito - respondeu o médico. - E agora conte-nos tudo o que tem observado no velho casarão.

Malcomson relatou pormenorizadamente tudo o que se passara nas duas anteriores noites. De vez em quando era interrompido por uma exclamação da Sra. Witham, até que finalmente, ao chegar ao episódio da Bíblia, toda a emoção reprimida da mulher explodiu num tremendo alarido, que só se acalmou depois de ela ter bebido um bom copo de conhaque com água. O Dr Thornhill ouviu o estudante com uma expressão cada vez mais grave e, quando ele finalizou a narrativa e a Sra. Witham pareceu estar restabelecida, perguntou:

- A ratazana sobe sempre pela corda do sino de rebate?

- Sempre.

- Suponho que o senhor saiba - disse o médico depois de uma pausa - que corda é essa?

- Não faço a menor idéia!

- É - disse lentamente o médico - a corda que usava o carrasco para enforcar as vítimas do cruel juiz.

Ao chegar a este ponto, foi interrompido por outro grito da Sra. Witham, que necessitou novamente de ajuda para se recompor. Malcomson, ao consultar o seu relógio, reparou que estava quase na hora do jantar, e por isso partiu na direção da sua casa antes de a dona da estalagem estar completamente recuperada.

Assim que se sentiu melhor, a Sra. Witham, bastante zangada, exigiu explicações do médico, por este estar a meter na cabeça do jovem idéias tão horríveis.

- Ele já tem demasiadas preocupações! - acrescentou. O Dr Thornhill respondeu:

- Minha cara Sra. Witham, o que tentei fazer foi uma coisa completamente diferente! Procurei atrair a atenção dele para a corda do sino, e fixá-la aí. É possível que ele se encontre num estado de grande excitação, e que esteja a estudar de mais, mas tenho de reconhecer que ele parece absolutamente normal, tanto do ponto de vista físico como mental. Mas. . . as ratazanas. . . e aquela sugestão do diabo. . . - O médico abanou a cabeça e acrescentou: - Ter-me-ia oferecido para ir passar a noite com ele, mas tenho a certeza que se ofenderia com isso. Algo o poderá aterrorizar durante a noite, ou poderá ter uma alucinação qualquer, e, se isso acontecer, quero que

ele puxe aquela corda. Como está totalmente sozinho, isso constituirá para nós um aviso, e dar-nos-á a possibilidade de chegar junto dele ainda a tempo de lhe sermos úteis. Ficarei acordado até tarde esta noite, e manterei os meus ouvidos bem abertos. Não se alarme, Sra. Witham, se Benchurch tiver uma surpresa antes do raiar da manhã.

- Oh, senhor doutor, o que é que quer dizer com isso?

- Exatamente o seguinte: é muito possível, ou melhor dizendo provável, que esta noite ouçamos o som do grande sino de rebate da Casa do Juiz. . .

E o médico saiu de cena tão eficazmente quanto seria de esperar.

Ao chegar a casa, Malcomson verificou que estava um pouco atrasado em relação à sua hora habitual, e que a Sra. Dempster já se tinha ido embora - as regras da Casa de Caridade Greenhow decerto não existiam para serem infringidas! Ficou contente por ver que a sala estava limpa e reluzente, com um fogo alegre na lareira e uma lâmpada a funcionar na perfeição. A tarde estava mais fria do que é costume em Abril, e um pesado vento soprava com uma violência que aumentava tão rapidamente que era de se esperar um temporal durante essa noite. O barulho produzido pelas ratazanas apenas se interrompeu durante alguns minutos, quando Malcomson entrou, recomeçando assim que se acostumaram à sua presença. Contudo, ele ficou contente por as ouvir, observando de novo que nesse ruído havia algo que o fazia sentir se acompanhado; e logo o seu espírito se fixou no estranho fato de que a barulheira só cessava quando aquela outra ratazana, a grande com olhos malignos, fazia a sua entrada em cena. Apenas estava acesa a lâmpada de leitura, cujo quebra-luz verde mantinha na obscuridade o teto e a parte superior da sala, de tal modo que a alegre e quente luz da lareira se estendia pelo chão e brilhava na toalha branca que cobria o extremo da mesa. Malcomson sentou-se para jantar, bem disposto e com apetite. Depois de comer, e de ter fumado um cigarro, entregou-se ao seu trabalho, com a firme determinação de não se deixar distrair por nada, pois recordava a promessa feita ao médico e queria aproveitar o melhor possível o tempo de que dispunha.

Durante aproximadamente uma hora trabalhou sem problemas, mas depois os seus pensamentos desprenderam-se dos livros e começaram a vagar. As circunstâncias em que se encontrava, a chamada de atenção quanto à sua saúde e a sua susceptibilidade nervosa não podiam ser negadas. Por essa altura já o vento se transformara em vendaval, e o vendaval em temporal. A velha casa, ainda que sólida, parecia tremer até às suas fundações, e o vento rugia e bramava através das muitas chaminés e das excêntricas empenas, produzindo sons estranhos e aterradores nos quartos vazios e nos corredores. Até o grande sino de rebate no telhado deveria estar a sentir a força das rajadas, pois a flexível corda subia e descia levemente como se o sino se movesse um pouco de tempos a tempos, fazendo-a bater no chão com um som duro e oco.

Ao escutar esse som, Malcomson recordou as palavras do médico: "É a corda que utilizava o carrasco para enforcar as vítimas do cruel juiz." Levantou-se então, dirigindo-se para o canto perto da lareira, e tomou-a nas suas mãos para a observar. Parecia sentir uma espécie de interesse mórbido por ela e, enquanto a olhava, perdeu-se por um momento em conjecturas sobre quem teriam sido essas vítimas, e sobre o lúgubre desejo do juiz de ter sempre perante o seu olhar uma tão macabra relíquia. Durante o tempo em que permaneceu ali, o suave balancear do sino continuou a fazer a corda subir e baixar de vez em quando; mas, subitamente, sentiu uma nova sensação, uma espécie de tremor na corda, como se algo se movesse nela.

Olhando para cima instintivamente, e vendo a enorme ratazana, com os olhos fixos nele, descer muito devagar pela corda na sua direção, Malcomson largou-a intempestivamente, recuando com brusquidão e murmurando uma praga. Viu então a ratazana dar meia volta, subir outra vez pela corda acima e desaparecer. E, nesse mesmo instante, o estudante deu-se conta de que o barulho produzido pelas ratazanas, que cessara durante uns momentos, havia recomeçado.

Tais acontecimentos deixaram-no pensativo. Lembrou-se então que ainda não investigara o ninho da ratazana, nem examinara

os quadros, como tinha planeado fazer. Acendeu a lâmpada sem quebra-luz e, levantando-a acima da sua cabeça, dirigiu-se para o terceiro quadro à direita da lareira, por onde vira desaparecer a ratazana na noite anterior

Assim que lançou o primeiro olhar retrocedeu bruscamente, tão bruscamente que quase deixou cair a lâmpada no chão, e simultaneamente uma palidez mortal invadiu-lhe o rosto. Os seus joelhos puseram-se a chocar um contra o outro, pesadas gotas de suor surgiram na sua testa, e o seu corpo começou a tremer como varas verdes. Mas ele era jovem e destemido, e conseguiu recompor-se. Depois de uma pausa de alguns segundos avançou de novo, levantou a lâmpada e examinou a pintura do quadro, a qual, depois de limpa, se via claramente.

Tratava-se do retrato de um juiz, vestido com a sua indumentária de púrpura e arminho. No seu rosto forte e desapiadado, arvorando uma expressão maligna, astuta e vingativa, via-se uma boca sensual e um nariz avermelhado, com a forma de bico de ave de rapina. O resto da cara tinha um aspecto cadavérico, e os olhos, com um brilho peculiar, exprimiam uma maldade terrível. Malcomson, ao olhá-los, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, vendo neles uma réplica exata dos olhos da grande ratazana. A lâmpada quase lhe caiu das mãos quando a viu espreitar, com aqueles seus olhos maldosos, de um buraco existente no canto do quadro. E nesse momento reparou que o ruído produzido pelas outras ratazanas e pelos ratos cessara bruscamente. Conseguiu recompor-se de novo, e prosseguir o exame do quadro.

O juiz estava sentado numa grande cadeira de carvalho lavrada, de espaldar alto, à direita de uma grande lareira de pedra, junto à qual se via uma corda, suspensa do teto e com a sua extremidade inferior enrolada no chão. Invadido por uma sensação próxima do terror, Malcomson, reconhecendo nessa cena a sala onde se encontrava, olhou espavorido em seu redor, como se temesse encontrar uma qualquer presença estranha atrás de si. Voltou então a olhar para o canto da lareira e, soltando um grito estridente, deixou cair a lâmpada que tinha na mão.

Ali, na cadeira do juiz, com a corda pendendo atrás dela, encontrava-se a enorme ratazana, com aquele olhar maligno igual ao dele, mais brilhante e diabólico do que nunca. Excetuando o barulho do temporal, o silêncio era absoluto.

A queda da lâmpada fê-lo regressar à realidade. Felizmente a lâmpada era de metal, de modo que o petróleo não se derramou. E a necessidade prática de se ocupar dela depressa não tardou a serenar as suas apreensões nervosas. Depois de a apagar, Malcomson limpou o suor da testa e refletiu um momento.

- Isto não pode ser - disse em voz alta. - Se continuo assim, fico louco. Isto tem de parar! Prometi ao médico que não tomaria chá. E de fato ele tem toda a razão! Os meus nervos devem estar num estado terrível. Mas o curioso é eu não o notar. Nunca me senti melhor na minha vida. Mas agora está tudo bem, e não voltarei a comportar-me como um louco.

Resolveu então preparar um bom copo de conhaque com água, e em seguida mergulhou resolutamente no trabalho.

Estudava há já uma boa hora quando um súbito silêncio o fez levantar a cabeça do livro que tinha à sua frente. O vento, no exterior da casa, uivava e rugia com mais força do que nunca, e a chuva golpeava os vidros das janelas como se fosse granizo; em contrapartida, no seu interior não se ouvia um único som, excetuando o eco do vento na grande chaminé, e de tempos a tempos uma espécie de silvo, quando, durante uma acalmia do temporal, algumas gotas de chuva caíam pela chaminé abaixo. O fogo estava quase apagado, embora as brasas ainda incandescentes continuassem a irradiar a sua luz vermelha.

Malcomson pôs-se à escuta, o mais atento possível, ouvindo então um ruído muito tênue, uma espécie de guincho contínuo e abafado, vindo do canto onde se encontrava suspensa a corda, que o fez pensar tratar-se do barulho que esta fazia ao roçar no chão quando o balancear do sino a fazia subir e descer.

Olhando melhor, porém, viu que a ratazana se tinha agarrado à corda, e que a estava a roer. Aliás, a corda estava já quase completamente roída, podendo-se ver a cor mais clara no ponto onde as fibras interiores haviam sido postas a descoberto. O olhar de

Malcomson ainda estava grudado a esse ponto quando a enorme ratazana terminou o seu trabalho, fazendo cair a parte inferior da corda no chão de carvalho com um ruído surdo, e ficando por momentos agarrada à outra ponta como uma espécie de protuberância ou de borla a balançar de um lado para o outro. Ao dar-se conta de que o animal cortara a única possibilidade de comunicar com o mundo exterior e de pedir socorro, Malcomson sentiu uma outra onda de terror invadi-lo. Essa sensação foi, no entanto, substituída por um ódio intenso e repentino, que o fez atirar contra a ratazana o livro que estava a ler. O tiro estava bem direcionado, porém a ratazana soltou-se da corda antes de o livro a atingir, produzindo um som ligeiro ao cair no chão. Malcomson correu imediatamente na sua direção, mas o animal escapuliu-se e desapareceu nas trevas do quarto. Malcomson, sentindo que não iria conseguir voltar a trabalhar nessa noite, decidiu variar a sua maneira de proceder e substituir o estudo por uma caçada às ratazanas. Retirou o quebra-luz verde da lâmpada, para ter mais luz, eliminando a escuridão em que se encontrava mergulhada a parte superior da sala e fazendo com que os quadros, expostos a essa súbita invasão de luz, intensa em comparação com o ambiente sombrio que antes reinava, se destacassem na parede. De onde estava, Malcomson podia ver, mesmo à sua frente, o terceiro à direita da lareira. E a sua surpresa foi tal quando o observou que se pôs a esfregar os olhos com força, sentindo depois o pânico a apossar-se de si.

No centro do quadro havia um espaço vazio, grande e irregular, no qual se via a tela tão limpa como no momento em que fora colocada na armação. O fundo do quadro não se alterara, continuavam lá a cadeira, o canto da lareira e a corda. A figura do juiz, porém, tinha desaparecido.

Malcomson, arrepiado de pavor, começou a girar lentamente sobre si próprio e depois se pôs a tremer como se estivesse a ter um ataque de paralisia. As suas forças pareciam tê-lo abandonado, deixando-o não só na incapacidade de executar o menor movimento, mas também quase o impedindo de pensar. Apenas conseguia ver e ouvir.

Ali, sentado na grande cadeira de carvalho lavrada de espaldar alto, vestido com a sua indumentária de púrpura e arminho, encontrava-se o juiz. Os seus olhos malignos brilhavam vingativamente, e a sua boca crua e resoluta ostentava um sorriso de triunfo. Tinha, nas mãos, um capuz preto, daqueles usados pelos carrascos Malcomson sentiu o sangue fugir-lhe do coração, como acontece em momentos de prolongada ansiedade. Os seus ouvidos zumbiam. Conseguia no entanto escutar os uivos da tempestade. E atravessando-a, deslizando sobre ela, vindas da praça do mercado, começou a ouvir as pancadas da meia-noite. Durante um tempo que-lhe pareceu uma eternidade, permaneceu imóvel, com olhos esbugalhados de terror e sem conseguir respirar. À medida que soavam as pancadas do relógio, o sorriso de triunfo no rosto do juiz foi-se intensificando; e, ao soar a última pancada da meia-noite, enfiou na cabeça o capuz preto.

Em seguida o juiz levantou-se da sua cadeira, lentamente, deliberadamente, e foi apanhar o pedaço de corda do sino de rebate que estava no chão. Fê-lo primeiro correr entre as suas mãos como se estivesse a apreciar o seu contacto, e depois deu um nó numa das suas extremidades. Usando um dos pés, e como que a testar a firmeza do nó, puxou a corda com toda a força até se dar por satisfeito, transformando-o a seguir num laço corredio, que segurou com ambas as mãos. Iniciou então um movimento ao longo da mesa, no lado oposto àquele onde se encontrava Malcomson, mantendo os olhos fixos nele até o ter ultrapassado e colocando-se a seguir, diante da porta com um rápido movimento. O estudante começou a sentir que caíra numa ratoeira, e tentou pensar no que poderia fazer. Desprendia-se uma certa fascinação dos olhos do juiz, que em nenhum momento se desviaram dos dele, forçando-o a sustentar o olhar.

Viu o juiz aproximar-se, mantendo-se sempre entre ele e a porta, levantar o laço e depois lançá-lo na sua direção, tentando apanhá-lo. Graças a um enorme esforço, Malcomson conseguiu desviar-se, e viu a corda cair no chão de carvalho ao seu lado, produzindo um som forte e seco. Pegando outra vez no laço, o juiz



fez outra tentativa para capturar o estudante, fitando-o sempre diretamente nos olhos, mas Malcomson conseguiu escapar de novo. A cena repetiu-se uma série de vezes, sem que o juiz aparentasse qualquer desânimo ou descontentamento pelos seus fracassos, antes gozando a situação, como um gato que caça um rato. Por fim, no auge do seu desespero, Malcomson lançou uma rápida olhadela à sua volta. Dir-se-ia que a luz da lâmpada se reavivara, e a sala estava bem iluminada. Nos muitos buracos das tocas, e nas gretas e fissuras dos lambris das paredes, o estudante viu os olhos das outras ratazanas; e esta visão, puramente física, proporcionou-lhe um efêmero instante de bem-estar. Olhou em volta e apercebeu-se que a corda do grande sino de rebate estava completamente coberta de ratazanas, com cada centímetro ocupado e com outras a saírem pelo pequeno buraco redondo do teto, de tal modo que o seu peso começou a fazer oscilar o sino.

O primeiro toque do badalo no sino foi ligeiro; apenas começara, no entanto, e pouco a pouco tornar-se-ia mais intenso.

Ao ouvi-lo, o juiz, que até aí mantivera o olhar fixo em Malcomson, virou-o para cima, com uma expressão de ódio diabólico no rosto. Com os olhos reluzindo como carvões incandescentes, bateu no chão com o pé, produzindo um ruído que pareceu abalar a casa inteira. O pavoroso estrondo de um trovão soou sobre as suas cabeças, ao mesmo tempo em que o juiz voltava a levantar o laço, e que as ratazanas continuavam a subir e a descer pela corda, como se estivessem a lutar contra o tempo. Mas desta vez, em lugar de atirar o laço, o juiz aproximou-se da sua vítima, mantendo-o aberto enquanto se aproximava. Ao chegar junto do estudante pareceu irradiar algo de paralisante apenas com a sua presença, e Malcomson permaneceu rígido como um cadáver, embora sentisse na garganta os dedos gelados do juiz quando este ajustou o laço, apertando-o bem. Então o juiz, tomando nos seus braços o corpo rígido do estudante, colocou-o sobre a cadeira de carvalho e, subindo também para o assento desta, levantou a mão para se gurar a ponta da corda do sino de alarme, fazendo as ratazanas fugir e desaparecer pelo buraco do tecto no meio de uma terrível chiadeira. Pegou em seguida na ponta do laço, que estava colocado no

pescoço de Malcomson e, depois de o atar à corda do sino, desceu novamente para o chão, empurrando a cadeira.

Quando o sino de alarme da Casa do Juiz começou a tocar, depressa se juntou uma quantidade de gente. Apareceram luzes e tochas de diversos tipos, e a multidão silenciosa apressou-se em direção à casa. Bateram com força à porta, mas, como ninguém respondeu, deitaram-na abaixo. E depois, com o médico à cabeça, precipitaram-se para a grande sala de jantar.

O corpo do estudante balançava no extremo da corda do grande sino de alarme; e, no quadro, o rosto do juiz arvorava um sorriso de uma indescritível maldade.

## A Pele-Vermelha

Naquela época, Nuremberga não era a cidade conhecida que se tornou nos dias de hoje. Irving ainda não tinha representado o seu Fausto, e o próprio nome da velha cidade era pouco conhecido para a maior parte dos viajantes. A minha esposa e eu, que nos encontrávamos na nossa segunda semana de lua-de-mel, desejávamos encontrar alguém com quem pudéssemos partilhar alguma companhia, de modo que, quando um jovial desconhecido, o senhor Elias P. Hutcheson, vindo de Isthmain City, Bleeding Gulch, no condado de Maple Tree, estado do Nebraska, surgiu na estação de Franco forte, e observou, com a sua forte pronúncia americana, que estava em viagem para visitar uma velha cidade europeia, tão velha como os anos que vivera Matusalém, e que lhe parecia que viajar por tanto tempo sozinho seria suficiente para enviar um cidadão ativo e inteligente para a melancólica enfermaria de um manicômio, nós percebemos de imediato aquela alusão tão clara, e sugerimos-lhe que se juntasse a nós. Quando mais tarde comparamos os nossos apontamentos, a minha esposa e eu, descobrimos que ambos tencionávamos relacionar nos com ele, evidenciando alguma reserva ou timidez, de forma a não parecermos demasiado ansiosos, pois isso, não daria uma imagem muito agradável sobre o sucesso da nossa vida conjugal; mas esse efeito foi totalmente contrariado, porque começamos os dois a falar ao mesmo tempo, parando em simultâneo, e prosseguindo os dois em coro outra vez. Contudo, e não interessa como, já estava destinado, e Elias P. Hutcheson tornou-se nosso companheiro. Imediatamente, Amélia e eu descobrimos os benefícios disso; em vez de questionarmos um com o outro, como tínhamos vindo a fazer, descobrimos que a influência restritiva de uma terceira pessoa nos levava a fazer carícias um ao outro nos recantos mais imprevistos. Amélia afirma que, desde então, como fruto daquela experiência, aconselha todos os casais que conhece a levarem um amigo na lua-de-mel. Bem, nós fizemos

Nuremberga juntos, e gozamos muito com as observações picantes do nosso amigo ultramarino, o qual, tanto pelo seu discurso exótico como pelo seu magnífico manancial de aventuras, parecia muito mais uma figura saída de um romance. Decidimos reservar como último ponto de interesse a ser visitado na cidade, o Burg (castelo), e no dia fixado para a visita, passeamos ao longo da muralha exterior da cidade, pelo seu lado este.

O Burg está erigido sobre um rochedo que domina a cidade, e é protegido do lado norte, por um fosso imensamente profundo. Nuremberga é uma cidade feliz, porque nunca foi saqueada; se isso tivesse acontecido, ela não seria tão acabadamente lustrosa como é na atualidade. O fosso não foi utilizado durante séculos, e hoje em dia, os seus terrenos circundantes estão profusamente ocupados por esplanadas de casas de chá e jardins pletóricos de árvores de frutos, das quais algumas possuem um porte venerável. Enquanto caminhávamos em torno da muralha, algo embasbacados, sob o quente sol de Julho, detivemo-nos bastantes vezes para admirar os panoramas que diante de nós se estendiam, e, especialmente, a grande planície coberta de vilas e aldeias delimitada por uma linha azulada de montanhas, tal como numa paisagem de Claude Lorraine. Quando os nossos olhos daí se despegavam, viravam-se deliciados para a própria cidade, com a sua miríade de exóticas empenas antigas e enormes telhados vermelhos ponteados de janelas de sótãos, em fiadas infinitas. Um pouco para a nossa direita levantavam-se as torres do Burg, e ainda mais perto, erguendo-se sinistra, a Torre da Tortura, que era, e talvez ainda seja, o local mais interessante da cidade. Durante séculos a tradição da Virgem de Ferro de Nuremberga foi transmitida como um exemplo dos horrores da crueldade de que a humanidade é capaz. Há muito tempo que nós desejávamos contemplá-la, e agora, por fim, ali nos encontrávamos diante do seu berço.

Durante uma das nossas pausas, inclinamo-nos sobre a muralha do fosso e olhamos para baixo. O jardim parecia estar alguns quinze a vinte metros abaixo de nós, e o sol derramava-se sobre ele com um calor intenso e estático, como o de um forno. Mais além, erguia-se a muralha cinzenta e lúgubre que parecia ter uma

altura desmesurada, e que se fundia do lado esquerdo e do direito nos ângulos do bastão e do contraforte. A muralha era coroada por árvores e arbustos, e mais uma vez se aprumavam majestosas mansões, sobre cuja beleza senhorial o Tempo estendera a sua mão aprovadora. O sol estava quente, e nós, preguiçosos, dispúnhamos do nosso próprio tempo, e demorávamo-nos debruçados sobre a muralha. Logo por baixo de nós tínhamos uma bela vista: uma grande gata negra estirado ao sol, enquanto à volta dela brincava graciosamente um gatito, evidentemente uma cria sua. A mãe estendia a sua cauda para o filhote brincar, ou então levantava as suas patas e empurrava o pequenito para que a brincadeira continuasse. Estavam lá em baixo, mesmo junto da base da muralha, e Elias P Hutcheson, para ajudar ao divertimento, inclinou-se e pegou do caminho num calhau com um tamanho razoável.

- Vejam! - disse ele. - Eu vou atirar a pedra para junto da cria, e os dois vão ficar admirados de onde ela veio.

- Oh, tenha cuidado - disse a minha mulher - Você pode atingir aquela adorável coisinha!

- Eu nunca, senhora - disse Elias P. - Porquê? Eu sou tão carinhoso como uma cerejeira do Maine. Deus seja bendito, eu nunca faria qualquer mal àquela doce criaturazinha, tal como nunca arrancaria o escalpe a uma criança. E podem apostar tudo o que quiserem nisso! Vejam, vou atirar a pedra para um pouco mais longe de maneira a não cair muito próximo do bichinho.

E dizendo isto, inclinou-se por cima do muro, esticou o seu braço ao máximo de comprimento, e atirou o calhau. É possível que exista uma força de atração que impele corpos inferiores em direção aos superiores; ou, com maior probabilidade, que a muralha não fosse vertical, mas enviesada na sua base, sem que nós pudéssemos distinguir essa inclinação desde cima. Mas a pedra caiu, com um ruído surdo e nauseabundo que se propagou através do ar quente até nós lá em cima, plenamente em cheio na cabeça do gatito, espalhando o seu pequeno crânio por todos os lados. A gata negra lançou um olhar rápido na nossa direção, e vimos os seus olhos, como um fogo esverdeado, fixarem por um instante, Elias P. Hutcheson; e depois, a sua atenção concentrou-se na cria, que jaz

imóvel, com uma pequena tremura das suas patitas, enquanto um tênue fio de sangue escorre de uma ferida aberta. Com um grito abafado, tal como um ser humano poderia soltar, ela inclinou-se sobre o filho, lambendo a sua ferida, e gemendo.

De súbito, parece ter compreendido que o gatinho estava morto, e de novo lançou o seu olhar em direção a nós. Eu nunca esquecerei essa visão, porque ela se assemelhava à perfeita encarnação do ódio. As suas pupilas verdes ardiam com uma chama lívida, e os dentes brancos e afiados pareciam resplandecer entre o sangue que debruava a sua boca e os seus bigodes. Ela rangeu os seus dentes, e as suas garras esticaram-se para fora a todo o comprimento de cada pata. De repente, deu um salto brusco pela muralha acima em direção a nós, mas tendo atingido o pico do seu movimento, o animal caiu para trás, e ficou com um aspecto ainda mais terrível porque tombou sobre a cria morta, e levantou-se com o seu dorso esparrinhado do sangue e dos miolos do filho. Amélia quase perdeu os sentidos, e tive de soerguê-la da muralha.

Havia um banco por perto, à sombra de um plátano, e deitei-a aí, até ela se recompor. Depois voltei para Hutcheson, que permanecia imóvel, olhando para baixo, para a furiosa gata.

Quando me acerquei dele, disse-me:

- Bem, parece-me o animal mais selvagem que alguma vez vi na vida, excetuando uma vez em que uma mulher pele-vermelha, da tribo dos Apaches, uma squaw, como lhe chamam, venceu um mestiço que apelidavam de "Lascas", e que num assalto tinha raptado o seu papoose, isto é o seu filho, para mostrar, por outro lado, como ele apreciara o modo como esses índios tinham infligido à sua mãe a tortura do fogo. Ela fixou de tal maneira a expressão do filho no seu próprio rosto, que dava a impressão da criança crescer com ela. Ela perseguiu o "Lascas", por mais de três anos, até que por fim os guerreiros da tribo o apanharam e o entregaram a ela. Diz-se que nenhum homem, branco ou índio, demorou tanto tempo a morrer sob as torturas dos Apaches.

A única vez em que a vi sorrir foi quando a varri dali. Eu cheguei ao acampamento mesmo no momento em que o "Lascas" estava a passar se desta, e ele próprio não lamentava a sua morte. Ele era

um homem duro, e apesar de eu não o cumprimentar depois daquela história do papoose, porque nisso ele foi muito cruel, e ele devia portar-se como um homem branco, porque tinha todo o ar de o ser, tive de admitir que ele pagou a sua dívida até ao fim. Que Deus me perdoe, mas peguei num pedaço da pele que ela esfolara, e mandei fazer um caderno de apontamentos. Ei-lo aqui! - E tirou um caderno do bolso interior do seu casaco.

Enquanto ele falava, a gata continuava com os seus esforços frenéticos para trepar pela muralha. Primeiro recuava para tomar balanço, e depois saltava, atingindo às vezes uma altura incrível. Parecia não se importar com a queda violenta que dava de cada vez, recomeçando, pelo contrário, com um renovado vigor; e com cada trambolhão a sua aparência tornava-se mais horrível.

Hutcheson era um homem com bons sentimentos - até minha mulher e eu notáramos pequenos gestos de simpatia dele para com animais ou pessoas - e parecia preocupado com o estado de fúria em que a gata se encontrava.

- Ora bem! - disse ele. - Eu sei que aquela pobre criatura está bastante desesperada. Vejam-na! Vejam-na! Pobre bicho, foi tudo um acidente, embora eu saiba que isso não te vai trazer de volta a tua criazinha. Mas digam-me cá! Esta era a última coisa que eu queria que acontecesse! Isto só mostra como um homem não passa de um idiota desajeitado quando ele tenta brincar! Parece que sou tão desajeitado que nem consigo atirar um chinelo a um gato. Diga lá, coronel!

Ele tinha este hábito agradável de nos atribuir títulos imaginários.

- Espero que a sua esposa não tenha qualquer má vontade contra mim, por causa deste desagradável incidente. Afinal, porquê? Eu não quis de modo algum que isto acontecesse.

Dirigiu-se a Amélia e desculpou-se profusamente, e ela, com a sua habitual gentileza de coração apressou-se a assegurar-lhe que entendia claramente que se tratava de um acidente. Depois voltamos para a muralha e olhamos para baixo.

A gata, que não vira o rosto de Hutcheson, recuara para trás do fosso, e estava sentada sobre as suas patas traseiras,

como se estivesse preparada para saltar. De fato, no mesmo momento em que ela o viu, deu um salto com uma fúria cega e irracional, que teria sido grotesco, se não fosse tão horripilantemente real. Ela não tentou escalar a muralha, mas lançou-se diretamente contra ela, como se a fúria e o ódio lhe pudessem emprestar asas para ultrapassar a grande distância entre eles. Amélia, com a sua natureza feminina, ficou muito preocupada, e disse para Elias P com um tom de advertência:

- Oh, você tem de ter cuidado. Aquele animal tentaria matá-lo se estivesse aqui; ela tem um olhar francamente assassino.

Ele riu-se jovialmente:

- Perdoe-me, minha senhora - disse ele -, mas não posso deixar de rir. Mas pode imaginar um homem que lutou contra ursos e contra índios a ser morto por um gato?

Quando o animal o ouviu rir se, todo o seu comportamento pareceu alterar se. Desistiu de tentar saltar ou de trepar pela muralha, foi-se embora calmamente, e sentando-se de novo junto da cria morta, começou a lambê-la e a acariciá-la como se estivesse viva.

- Vejam! - disse eu. - É este o efeito de um homem verdadeiramente forte. Até aquele animal, no meio da sua fúria, reconhece a voz de um dono, e obedece-lhe!

- Como uma pele-vermelha! - foi o único comentário de Elias P Hutcheson, enquanto nós prosseguíamos ao longo da muralha, com a gata a seguir-nos durante todo o tempo. Ao princípio, ela voltava sempre para junto do filho morto, mas depois quando a distância se alargou, agarrou-o com a boca e assim continuou. Contudo, passado um bocado, largou-o, porque vemo-la prosseguir sozinha; era óbvio que escondera o cadáver algures. O alarme de Amélia cresceu com a persistência da gata, e ela repetiu os seus avisos mais do que uma vez; mas o norte-americano ria-se sempre com divertimento, até que, por fim, vendo que ela estava a ficar seriamente preocupada, disse:

- Afirmo-lhe, minha senhora, que não precisa de se preocupar com aquela gata. Eu ando prevenido, pode ter a certeza. - Aqui ele sacou da sua pistola de bolso escondida na sua região lombar.



- Mais rápido do que a sua preocupação, eu abaterei aquela criatura, à minha frente, arriscando-me a que a polícia interfira com um cidadão dos Estados Unidos por uso ilegal de armas!

Enquanto falava olhou por cima da muralha, mas a gata, ao vê-lo, afastou-se, com um rosnado e ocultou-se no meio de um canteiro de flores. Continuou:

- Deus nos valha, que aquele animal possui mais bom-senso que muitos cristãos. Acho que foi a última vez que a vimos. Aposto em como voltou para trás, para junto da cria morta, para lhe fazer um funeral condigno, só para ela!

Amélia não quis dizer mais nada, não fosse ele, levado por um errôneo sentido de amizade, cumprir a sua ameaça de matar a gata; e assim prosseguimos o nosso caminho, atravessando a pequena ponte de madeira que conduzia ao portal de acesso de onde corria a íngreme estrada pavimentada entre o Burg e a pentagonal Torre da Tortura. Quando atravessávamos a ponte, vimos outra vez a gata mesmo por baixo de nós. Quando ela nos viu, a sua fúria pareceu regressar, e desenvolveu esforços violentos para trepar pela escarpada muralha.

Olhando para baixo, Hutcheson riu-se para ela e disse-lhe:

- Adeus, velha amiga. Desculpa-me por ter ferido os teus sentimentos, mas com o tempo isso há de passar.

Fica bem! - E depois nós atravessamos a longa e sombria arcada até chegarmos ao portão do Burg.

Quando saímos da nossa exploração daquele belíssimo e antigo lugar, que nem as bem-intencionadas tentativas dos restauradores góticos de há quarenta anos atrás foram capazes de estragar - apesar da sua restauração, naquela época, ser de um branco resplandecente - parecíamos ter esquecido o desagradável episódio dessa manhã. A velha tília com o seu enorme tronco enrugado pela passagem de quase nove séculos, o profundo poço escavado no coração do rochedo pelos cativos da antiguidade, e a adorável vista desde a muralha da cidade, enquanto ouvíamos durante quase um quarto de hora, a multidão de carrilhões da cidade, tudo isso ajudara a apagar das nossas memórias o incidente do gatinho morto.

Naquela manhã, éramos os únicos visitantes a entrarem na Torre da Tortura, pelo menos foi isso que afirmou o velho guarda, e como tínhamos todo o lugar exclusivamente para nós, conseguimos fazer uma exploração mais pormenorizada e satisfatória, que noutras circunstâncias teria sido impossível. O guarda, vendo em nós a única fonte de rendimento para esse dia, estava disposto a ir ao encontro dos nossos desejos. A Torre da Tortura é verdadeiramente um local sombrio, mesmo hoje que milhares de visitantes lhe transmitem um fluxo de vida e daquela alegria que lhe é inerente; mas na época a que eu me reporto ela tinha ainda o seu aspecto mais primitivo e macabro. A poeira dos tempos acumulara-se sobre ela, e as trevas e o horror das suas memórias pareciam tornar-se perceptíveis de um modo que teria agradado às almas panteístas de Fílon ou de Espinoza. A câmara inferior por onde entramos tinha a aparência de ser, no seu estado normal, a encarnação das próprias trevas; mesmo os cálidos raios de sol que se projetavam através da porta pareciam perder-se na vasta espessura das paredes, e só permitiam ter uma percepção grosseira do seu interior, como se o construtor tivesse acabado de retirar os andaimes, o qual estava revestido de pó e marcado aqui e além por manchas escuras que, se as paredes falassem, teriam contado as suas próprias terríveis histórias de medo e de dor. Sentimo-nos alegres quando subimos pela poeirenta escada de madeira, enquanto o guarda nos deixava aberta a porta exterior para de algum modo nos iluminar o caminho; porque para os nossos olhos, a única e malcheirosa vela, com um longo pavio, espetada num candelabro fixo na parede, não oferecia iluminação apropriada. Quando saímos através de um alçapão aberto num canto da câmara superior, Amélia agarrou-se a mim com tanta força que eu conseguia ouvir o seu coração a bater. Devo dizer que, pela minha parte, não fiquei surpreendido com o seu receio, porque este espaço era ainda mais horrendo que o do piso inferior. Aqui havia decerto mais luz, mas só a bastante para deixar perceber o horrível ambiente do lugar. Os construtores da torre tinham decidido muito obviamente que apenas quem alcançasse o cimo, é que poderia desfrutar das alegrias da luz e da vista. Tal como nós observáramos de baixo, havia ali uma fileira de janelas, se bem que de uma

pequenez medieval, enquanto por todo o resto da torre havia apenas umas estreitas frinchas, tal como era costume em construções defensivas medievais.

Algumas destas iluminavam a câmara, e estavam rasgadas a uma altura tão elevada, que não se podia divisar uma nesga de céu devido à espessura das paredes.

Em armeiros, ou encostadas desordenadamente às paredes viam-se grandes espadas para decapitação, armas enormes para serem manejadas com as duas mãos, de lâminas largas e gumes afiados. Junto estavam vários cepos de madeira onde as vítimas tinham pousado o seu pescoço, nos quais se viam os cortes profundos que o aço tinha desferido através da carne, até se cravar na madeira. Em torno da câmara, dispostos da forma mais arbitrária, encontravam-se numerosos instrumentos de tortura, cuja visão constrangia o coração: cadeiras guarnecidas de espigões que davam uma dor instantânea e excruciante; cadeiras e sofás com protuberâncias rombas que aparentemente infligiam uma tortura menor, mas que, apesar de mais lentas, eram de uma eficácia idêntica; rodas, cintos, guantes, colares, todos concebidos para destruírem à vontade; elmos de aço nos quais a cabeça podia ser comprimida lentamente até ficar numa polpa, se necessário; ganchos com uns cabos compridos e pontas afiadas que infligiam cortes à mínima resistência, e que eram uma especialidade da polícia de Nuremberga; e muitos, muitos outros engenhos para a violência do homem sobre o homem. Amélia ficou muito pálida perante o horror daquelas coisas, embora felizmente não tivesse desmaiado, e para recuperar sentou-se numa cadeira de tortura, mas levantou-se de imediato com um grito, desvanecendo-se qualquer sensação de desmaio. Nós ambos argumentamos que tinha sido o contacto do seu vestido com o pó da cadeira e os espigões enferrujados o que a incomodara, e o senhor Hutcheson aceitou a explicação com uma risada simpática.

Mas o objeto central em toda aquela câmara de horrores era o engenho conhecido como a Virgem de Ferro, que estava quase no centro da sala. Era a figura de uma mulher de contornos grosseiros, fazendo lembrar um sino, e tinha algo das

representações da mulher de Noé na Arca, mas sem a esbelteza de cintura e o perfeito rondeur dos quadris, que marcam o tipo estético das representações tradicionais da família Noé. Teria sido até difícil de reconhecer que se tratava de uma figura humana, se o seu criador não tivesse imprimido ao rosto uma rude semelhança com as feições de uma mulher.

Esta máquina estava manchada de ferrugem e recoberta de pó; havia uma corda amarrada a uma argola na parte dianteira da figura, onde deveria ter ficado a cintura, corda que passava por uma roldana, fixada numa viga de madeira que sustinha o teto. Quando o guarda puxou pela corda; viu-se que uma secção da parte frontal estava engonçada de um lado como se fosse uma porta; então verificamos que o engenho possuía uma espessura considerável, deixando apenas espaço no seu interior para se meter lá um corpo humano. A porta era da mesma espessura e de grande peso, porque o guarda precisou de toda a sua força, com o apoio da roldana, para abri-la. Esse peso devia-se em parte ao fato de a porta estar assim apoiada para atirar para baixo o seu peso, de modo que se fecharia automaticamente logo que a corda se soltasse. O interior estava corroído por ferrugem, ou antes, se fosse só a ferrugem causada pela erosão do tempo, ela não teria carcomido tão profundamente as paredes de ferro; a ferrugem das cruéis manchas era profunda na verdade! Porém, foi só quando nos aproximamos para olharmos para o interior através da porta, que o diabólico desígnio do engenho se revelou plenamente. Ali havia diversos espigões compridos, quadrados e maciços, amplos na base e agudos nas extremidades, colocados numa posição tal que quando a porta fosse fechada, os que estavam colocados superiormente perfurariam os olhos da vítima, e os que estavam em baixo, o seu coração e órgãos vitais. A visão foi demasiado forte para a pobre Amélia, pois desta vez ela perdeu totalmente os sentidos, e eu tive de levá-la pelas escadas abaixo, e deitá-la num banco no exterior até que ela recuperasse. A impressão que o episódio lhe causou foi tão profunda, que o meu primogênito possui desde a nascença um sinal no peito que toda a família concorda em que representa a Virgem de Nuremberga.

Quando voltamos à câmara, Hutcheson estava ainda postado diante da Virgem de Ferro; tinha manifestamente estado imerso em cogitações, e agora apresentava-nos o fruto do seu pensamento sob a forma de um exórdio.

- Bem, acho que aprendi qualquer coisa por aqui, enquanto a senhora recuperava do seu desmaio. Parece-me que do outro lado do oceano nós estamos muito atrasados. Estamos habituados a pensar que nas grandes pradarias os índios nos batem aos pontos na capacidade de fazer sofrer um homem; mas acho que os vossos defensores medievais da lei e da ordem os superavam a todos os níveis. O "Lascas", foi bastante bom com a trapaça que pregou à pele-vermelha, mas esta jovem senhora aqui estava muitos degraus acima dele. As pontas destes espigões ainda estão afiadas, apesar de os bordos estarem gastos pelo muito que espetaram. Seria uma boa idéia para o nosso Departamento de Assuntos

Índios mandar fazer algumas cópias deste brinquedo, e enviá-las para as reservas, para meter na ordem os bravos e as suas squaws, mostrando-lhes como a velha civilização é superior a eles, sob todos os aspectos. Acho que vou entrar dentro daquela caixa por um minuto, só para ver o que uma pessoa sente!

- Ah. Não! Não! - disse Amélia. - Isso é demasiado terrível.

- Acho, minha senhora, que nada existe demasiado terrível para um espírito explorador. Já me meti em lugares muito esquisitos. Passei uma noite dentro de um cavalo morto enquanto a pradaria ardia em chamas à minha volta no território de Montana... e noutra ocasião dormi dentro de um búfalo morto quando os Comanches estavam em pé de guerra e eu não pretendia deixar-lhes o meu escalpe. E passei dois dias num túnel desmoronado na mina de ouro de Billy Broncho, no Novo México, e fui um dos quatro que permaneci encerrado numa ensecadeira que se virou de lado durante dezoito horas quando estava a trabalhar nas fundações da ponte de Buffalo. Até hoje não recusei qualquer experiência estranha, e não tenciono começar agora!

Vimos que ele estava determinado a concretizar aquela experiência, e por conseguinte eu disse-lhe:

- Bem, amigo, então se apresse e acabe com isso depressa.

- Muito bem, general - retorquiu ele. - Mas julgo que ainda não estamos completamente preparados. Os cavalheiros, meus antecessores, que estiveram metidos naquela lata de conserva, não se ofereceram voluntariamente para o trabalho. Certamente que não! E acho que deveriam ser amarrados com requinte antes de soar a grande pancada. Eu quero meter-me nisto, mas com respeito e correção, por isso primeiro tenho de ser amarrado à maneira. Aposto que aqui o nosso velho guarda será capaz de achar uma corda e de amarrar me como manda a tradição?

Isto foi dito num tom interrogativo para o velho homem, mas este, que entendia o fluxo do discurso, apesar de, talvez, não conseguir apreciar inteiramente as minudências do dialeto e do imaginário, abanou a cabeça negativamente. A sua negativa, porém, era meramente formal, pois buscava obter uma gorjeta maior. O americano enfiou-lhe uma moeda de ouro na mão, dizendo:

- Fique com ela, sócio, é o seu troféu, e não tenha medo. Você não está a ser convidado para assistir a uma festa de engates!

O guarda arranjou uma corda fina e desgastada, e começou a atar o nosso companheiro, com bastante eficácia, para o fim em vista. Quando a parte superior do seu corpo estava amarrada, Hutcheson disse:

- Espere um momento, senhor juiz: acho que sou demasiado pesado para você me arrastar para dentro da lata. Deixe-me entrar, e depois amarra-me as pernas!

Enquanto falava, introduzira-se na abertura, que tinha um tamanho à justa para o seu corpo. O espaço era apertado e não deixava margem para erros. Amélia observou a cena com medo no seu olhar, mas, evidentemente, não se atreveu a dizer qualquer coisa. Depois o guarda acabou a sua tarefa, amarrando os pés do americano, de modo que este ficou totalmente desprotegido agarrado na sua prisão voluntária. Ele parecia estar a desfrutar a situação, e o sorriso incipiente que habitualmente ostentava, tornara-se agora rasgado quando afirmou:

- Parece-me que esta Eva deve ter sido feita da costela de um anão. Não há aqui muito espaço para um cidadão adulto dos Estados Unidos se acotovelar. No território do Idaho estamos

habituaados a fazer os caixões um bocadinho maiores. Agora, senhor juiz, vai começar a descer essa porta, devagarinho, sobre mim. Eu quero sentir o mesmo prazer que os outros rapazes sentiram quando estes espigões começavam a mover-se na direção dos seus olhos!

- Oh! Não! Não! Não! - irrompeu Amélia histericamente. - É demasiado terrível! Eu não agüento ver isto! Não posso, não posso!

Mas o americano era obstinado.

- Diga-me, coronel - disse ele. - E que tal se levasse a senhora para um pequeno passeio? Eu não gostaria de, por nada neste mundo, ferir os seus sentimentos, mas agora que estou aqui, depois de viajar dez mil quilômetros, não seria demasiado brutal ter de desistir da experiência em que acreditei e desejei vivamente? Não é todos os dias que um homem se pode sentir como um enlatado! Eu e o juiz vamos fazer isto num instante, e quando vocês voltarem, vamos todos rir-nos um bom bocado!

Uma vez mais triunfou uma resolução nascida da curiosidade, e Amélia ficou agarrada firmemente ao meu braço, e estremeendo enquanto o guarda começava a dar folga muito lentamente, centímetro a centímetro, à corda que sustinha a porta de ferro. O rosto de Hutcheson estava positivamente radiante enquanto os seus olhos seguiam os primeiros movimentos dos espigões.

- Bom! - disse ele. - Acho que não tive um gozo maior desde que deixei Nova Iorque. Tirando uma briga com um marinheiro francês em Wapping, e mesmo isso não foi um grande divertimento, ainda não tive nada que me desse um verdadeiro prazer neste continente apodrecido, onde não há ursos, nem índios, e onde os homens andam desarmados. Mais devagar, senhor juiz! Não se apresse! Eu quero um bom espetáculo pelo meu dinheiro

O guarda devia ter nas suas veias algum do sangue dos seus antepassados naquela sinistra torre, porque acionava a máquina com uma lentidão de tal modo determinada e martirizante, que depois de cinco minutos, em que a extremidade exterior da porta não se tinha movido mais de dois centímetros, Amélia começou a desfalecer. Vi como os seus lábios começaram a empalidecer, enquanto a força com que agarrava o meu braço afrouxava. Fui à procura de um lugar onde pudesse estendê-la, e quando a observei de novo vi que o seu

olhar estava fixo no contorno lateral da Virgem. Seguindo a sua direção vi a gata negra rastejando semiescondida. Os seus olhos verdes brilharam como luzes anunciadoras de perigo na penumbra do espaço, e a sua cor aumentava de intensidade com o sangue que ainda manchava o seu pêlo e a sua boca. Gritei:

- A gata! Tenham cuidado com a gata!

Mas ela já tinha saltado para diante do engenho. Nesse momento parecia um demônio triunfante. Os seus olhos ardiam de ferocidade, e o seu pêlo eriçou-se tanto que parecia ter o dobro do volume, enquanto a sua cauda se agitava como fazem os tigres quando têm a presa à sua frente: Elias P Hutcheson ficou tão divertido quando a viu, que os seus olhos faiscavam de contentamento ao dizer:

- Maldição, até parece que a pele-vermelha pôs as suas pinturas de guerra! Acertem-lhe um pontapé, se ela tentar alguma malandrice comigo, pois eu estou tão bem amarrado pelo chefe, que se ela me quisesse arrancar os olhos não conseguia defender-me. Calma aí, senhor juiz! Não solte essa corda ou eu estou feito!

Nesse momento Amélia desmaiou por completo, e se eu não a tivesse apanhado pela cintura teria caído no chão. Enquanto lhe dava os meus cuidados, vi a gata negra arrastando-se para dar um salto, e ergui-me para expulsar o animal.

Mas nesse momento, com uma espécie de grito demoníaco, ela atirou-se, não contra Hutcheson como esperávamos, mas em cheio contra o rosto do guarda. As suas garras pareciam rasgá-lo selvaticamente, como se vê nos desenhos chineses de dragões furiosos, e enquanto observava, vi como uma das patas caía sobre o olho do pobre homem, lacerando-o, e arrastando-o rosto abaixo, deixando atrás de si uma vasta ferida vermelha de onde o sangue parecia brotar de todas as veias.

Com um brado de puro terror, que se soltou mais rápido do que a sua própria sensação de dor, o homem saltou para trás, deixando cair, involuntariamente, a corda que sustinha a porta de ferro. Corri para agarrá-la, mas era demasiado tarde, porque a corda corria como um raio pela talha, e a pesada massa caiu puxada pelo seu próprio peso.



Quando a porta se fechava, vi num relance o rosto do nosso desafortunado companheiro. Ele parecia gelado de terror. Os seus olhos estavam fixos, perpassados de uma angústia terrível, estupefatos, e dos seus lábios não saía qualquer som.

E depois os espigões fizeram o seu trabalho. Felizmente o fim foi rápido, porque quando abri violenta mente a porta, eles tinham perfurado tão profundamente os ossos do crânio esmagado que este ficou fixado neles, e amarrado como ele estava, consegui arrancá-lo, com a minha brusquidão, da sua prisão de ferro, e ele caiu a todo o comprimento com um som repulsivo sobre o chão, o seu rosto voltado para cima.

Corri para a minha esposa e levei-a para fora, porque temia pela sua própria razão se testemunhasse tal cena. Deitei-a no banco do exterior e voltei a toda a pressa para dentro. Apoiado numa coluna de madeira estava o guarda, soluçando de dor, enquanto cobria os olhos com um lenço ensangüentado. E sentada sobre a cabeça do pobre americano estava a gata, ronronando sonoramente enquanto lambia o sangue que jorrava das cavidades rasgadas dos seus olhos.

Creio que ninguém pensará que eu sou cruel, porque peguei numa das velhas espadas de decapitação e rachei a gata em duas enquanto estava sentada.

**Fim.**

Tradução: Paulo Ramos (O Hóspede de Drácula) Jorge Telles de  
Menezes (A Casa do Juiz “, A Pele Vermelha”) Tradução O Hóspede  
de Drácula

cedida por Publicações Europa-América

O Publicações Europa-América

O 2000 BIBLIOTEX, S. L. para esta edição

Revisão: M. Manuela Vieira Constantino

Impressão e encadernação:

Printer Industria Gráfica, S. A.

Ctra. N-II, Km. 600

08620 Sant Vicenç dels Horts (Barcelona)

Impresso em Espanha

Data de impressão: Julho de 2000

ISBN: 84-8130-233-3